CIP-Brasil. Catalogação-na-Fonte
Câmara Brasileira do Livro, SP

F947d
2.ed.

Frieiro, Eduardo, 1892-
O Diabo na Livraria do Cônego ; Como era Gonzaga? ; e Outros temas mineiros / Eduardo Frieiro. – 2. ed. rev. e aum. – São Paulo : Ed. Itatiaia : Ed. da Universidade de São Paulo, 1981.

(Reconquista do Brasil ; nova sér. ; v. 56)

1. Ensaios brasileiros 2. Gonzaga, Tomás Antônio, 1744-1810? 3. Silva, Luís Vieira da, n. 1735 I. Título. II. Título: Como era Gonzaga? III. Série.

CDD-869.945
-923.28151

81-1176

Índices para catálogo sistemático:
1. Ensaios : Século 20 : Literatura brasileira 869.945
2. Minas Gerais : Inconfidentes : Biografia 923.28151
3. Século 20 : Ensaios : Literatura brasileira 869.945

O DIABO NA LIVRARIA DO CÔNEGO *

Adeus, meus respeitos ao Diabo, porque é ele quem governa o mundo. — Carta de Voltaire a d'Alembert, datada de 15 de agosto de 1769.

QUEM ERA O CÔNEGO?

Parece o título de um conto à maneira de Anatole France ou Alfredo Panzini. Mas não é conto. O que se vai ler é um tímido ensaio bibliográfico à margem da Inconfidência Mineira. O Cônego a que aludiremos é Luís Vieira da Silva, o mais instruído e eloqüente de todos os conjurados mineiros, na opinião do historiador Joaquim Norberto de Sousa Silva [1], opinião que o historiador José Pedro Xavier da Veiga considerou exagerada. Para José Pedro Xavier da Veiga [2], e para alguns outros, foi Cláudio Manuel da Costa a cabeça mais forte da Conjuração, em que se viram envolvidos tantos homens de valor: poetas, oradores, eruditos, jurisconsultos e homens de ciência.

* Publicado primeiramente em livro (Edição da Livraria Cultura Brasileira, Belo Horizonte, 1945). Reproduzido agora com acréscimos e notas.

1) *História da Conjuração Mineira*, por J. Norberto de Sousa Silva, Rio de Janeiro, 1873, p. 354: "Era ele o mais instruído e o mais eloqüente de todos os conjurados, e houve-se nos seus interrogatórios com muita dignidade. Não se culpou, como Tiradentes, convertendo a leviandade em confissão heróica. Não lançou a culpa à conta de seus companheiros de infortúnio, como Alvarenga Peixoto. Não procurou vingar-se pela delação, conluiando-se para isso com os Toledos e os Oliveira Lopes. Não converteu a amizade em ódio e o ódio em delação, como o Padre José da Silva. Não converteu o martírio em suicídio, como Cláudio Manuel da Costa. Não argumentou com a lógica escolástica e os sofismas de Gonzaga. Defendeu-se com a energia da sua inocência, com a dignidade de seu merecimento, com o entusiasmo do amor da pátria, e profetizou a independência da terra que o viu nascer, como afinal veio a operar-se."

2) *Efemérides Mineiras*, 2.ª edição, 1926, vol. II, pp. 115 e 119.

Não é muito o que se sabe a respeito do Cônego inconfidente. E nossa ignorância seria talvez total, se não fossem as trágicas circunstâncias que o fizeram cair nas unhas implacáveis da justiça política. Que era uma cabeça sólida e um caráter de têmpera forte parece demonstrado pela firmeza e dignidade com que respondeu aos interrogatórios a que foi submetido na Devassa, enquanto os outros implicados, à exceção de dois ou três, procediam com incrível fraqueza e leviandade, já agravando a culpa de que os acusavam, já não vacilando na acusação dos próprios companheiros. Mas a fraqueza neste caso, deve-se reconhecê-lo, era bem humana, e perdoável sobretudo quando se consideram os métodos de terrorização de que lançavam mãos as autoridades incumbidas de zelar pela segurança dos estados. Não foi outra a causa que levou Cláudio Manuel ao suicídio, senão o terror incoercível que a *gestapo* do Reino incutiu no fraco ânimo do poeta, então sexagenário.

Os melhores e mais completos dados que conhecemos sobre a vida de Luís Vieira acham-se na obra do Cônego Raimundo Trindade, *Arquidiocese de Mariana (Subsídios para sua história)* [3]. Lê-se nessa bem documentada obra que Luís Vieira da Silva nasceu no arraial da Soledade (hoje estação de Lobo Leite, E.F.C.B.), capela filial de Congonhas do Campo, a 20 de fevereiro de 1735, sendo seus pais o Alferes Luís Vieira Passos, que vivia da lavoura e do ofício de carpinteiro, e sua mulher Josefa Maria do Espírito Santo, portugueses ambos, casados no Brasil, na mencionada capela. Aos quinze anos entrava para o Seminário de Mariana, onde esteve dois anos, indo depois completar o curso de Filosofia, em que se graduou, e de Teologia moral, no Colégio dos Jesuítas em São Paulo. Recebeu todas as ordens do Bispo D. Frei Manuel da Cruz, e já antes de seu sacerdócio exercia o magistério no Seminário Episcopal de Mariana, regendo a cadeira de Filosofia, a qual esteve a seu cargo, com pequenas interrupções, até o dia em que o prenderam.

É ainda aquele historiador da Igreja marianense que refere ter sido Luís Vieira vigário da vila de São José del Rei, cuja paróquia passou ao Padre Carlos Corrêa de Toledo e Melo, mais tarde seu companheiro de desdita. Informa-nos, igualmente, que, *"apresentado*

3) Cônego Raimundo Trindade, *Arquidiocese de Mariana (Subsídios para sua história)*, São Paulo, 1929, vol. II, p. 1038 e seguintes.

por C. R. de 1781 ao canonicato que vagou por óbito do Cônego Francisco Gomes de Sousa, só pôde ser colado em virtude de um recurso à Coroa, a que deu provimento o ouvidor Tomás Antônio Gonzaga, firmado em luminosas razões que muito acreditavam a ciência jurídico-canônica do inditoso Dirceu."

O Padre Luís Vieira caíra no desagrado do Cabido. Acusavam-no de simonia. Incorrera em pena de excomunhão. Não podia portanto ser colado. Isso porque — alegava-se — revelara, por influência de poderosa dama, os pontos de certo concurso a um padre que nele entrava. Tudo, porém, não teria passado de calúnia, segundo o Cônego Trindade, que diz, na obra citada:

"As razões de Gonzaga deitaram por terra a calúnia e intimaram a colação, que se verificou pacificamente perante o vigário geral Vicente Gonçalves a 25 de março de 1783."

Sim, podia ter sido calúnia. E podia ter sido verdade. Vai-se lá saber. De qualquer forma, se calúnia houve, isso pode fazer crer que o sacerdote por ela visado não era pessoa de virtude inatacável. E a defesa de Gonzaga não prova muito. Gonzaga não tinha bom nome como juiz. Na opinião do Secretário de Estado Martinho de Melo e Castro, exarada em documento de informação por ele prestada ao Visconde de Barbacena, o poeta ouvidor não passava dum magistrado corrupto e venal. Acusação da maior gravidade. As razões do juiz seriam "luminosas" (como diz o mencionado historiador Cônego Trindade) mas traziam talvez água no bico.

Em Portugal, para onde seguira em 1792 a fim de cumprir pena de prisão perpétua, esteve o Cônego quatro anos na fortaleza de São Julião, sendo transferido depois para diferentes conventos. Fez lá também inimigos entre companheiros de batina e viu-se envolvido em escandalosas brigas de sacristia, como se ainda estivesse em sua Sé de Mariana. Em fins de 1801, ou princípios do ano seguinte, recuperou a liberdade e, segundo consta, regressou ao Brasil, indo viver em Angra dos Reis, onde teria falecido.

Era homem de bom exemplo, estimável pelo caráter, como o era por suas boas letras e pregações? Nada podemos conjeturar. Ignoramos como procedia comumente. Entretanto — é permitido notá-lo — as únicas notícias precisas acerca de suas ações referem-se

a fatos que induziriam a considerar com certa reserva a sua conduta de sacerdote e homem do mundo. Primeiro, é a acusação de simonia; depois, a de conspiração contra o poder público e, finalmente, a de rixas e inimizades, no desterro, com colegas seus. Havia falhas na sua conduta? Era homem intranqüilo e descontente, dono talvez duma personalidade ingrata, como pela maior parte o eram os sacerdotes que então se metiam em intrigas políticas?

Seria temerário arriscar qualquer opinião, pois faltam totalmente os elementos de juízo. E é pena. A tarefa que cabe ao historiador é a busca do homem.

Ficaram indícios, entretanto, de que os cônegos da Sé de Mariana, ao tempo de Luís Vieira da Silva, não eram modelos de virtudes sacerdotais. Nada queremos afirmar por nossa conta. Louvamo-nos na opinião insuspeita do Cônego Raimundo Trindade, historiador da Igreja marianense. Lê-se na sua obra *Arquidiocese de Mariana,* segunda edição, Imprensa Oficial, Belo Horizonte, 1953, Vol. I, p. 153:

"Os cônegos de Mariana, tendo pouco que fazer, divertiam-se com escandalosas brigas, nauseantes mexericos de sacristia, que causavam ao bispo intenso mal-estar, nojo intolerável. Resolveu-se por isto a transferir-se para Vila Rica, onde de fato se instala definitivamente, em 1788."

O Bispo não os agüentava, e achou melhor buscar sossego fora da sede, no seu hospício de Vila Rica. Fugiu! Único meio de se livrar dos cônegos irrequietos.

Em uma memória histórica sobre a Capitania de Minas Gerais, escrita em 1806 e atribuída ao Dr. Diogo Pereira Ribeiro de Vasconcelos [4], figura a relação das pessoas ilustres da Capitania, da qual consta esta referência:

"Luís Vieira da Silva, presbítero secular, antigo lente de Filosofia da cidade de Mariana, possui um grande fundo de erudição: seus discursos oratórios lhe grangearam créditos, e suas desgraças, compaixão."

4) Ver *Pessoas ilustres da Capitania Mineira,* "Revista do Arquivo Público Mineiro", I, 1896, p. 443.

Por esse testemunho ficamos sabendo que era homem instruído e orador de bons créditos. Mas, que nos conste, só chegou até nós um discurso por ele pronunciado: o elogio fúnebre do Revmo. Dr. Lourenço José de Queirós Coimbra e Vasconcelos, a 12 de outubro de 1784, na matriz de Sabará, e que, segundo informa Lúcio José dos Santos na sua valiosa obra *A Inconfidência Mineira,* existe no arquivo da Câmara eclesiástica de Mariana. Esta produção oratória vem reproduzida integralmente na citada obra do Cônego Trindade *Arquidiocese de Mariana,* 1.ª edição, Vol. II. É no melhor gosto da época [5].

Pelos *Autos de Devassa da Inconfidência* sabe-se que o escolhiam para falar em ocasiões solenes e fora sua a oração fúnebre nas exéquias do Infante D. José de Portugal, em Vila Rica. Isto, parece, bastou para que Norberto o considerasse o mais eloqüente dos homens implicados na Conjuração.

Ainda pelos referidos *Autos de Devassa,* fonte quase única de informações sobre a maioria dos inconfidentes, sabe-se que Luís Vieira da Silva era cônego da Sé de Mariana, quando o prenderam, contava cinqüenta e quatro anos de idade, tinha mãe que com duas filhas solteiras passava necessidade no arraial do Ouro Branco (de cuja freguesia ele próprio se disse natural [6], porque a capela de Soledade, na ocasião de seu nascimento, era filial da freguesia de Ouro Branco, passando depois para a de Congonhas do Campo) e era pai de uma senhora que tinha o marido ausente em Portugal.

Que o Cônego, que nunca fora casado, tivesse uma filha, a ninguém escandalizava naqueles tempos em que a moral dos costumes era muito tolerante a este respeito. Cláudio Manuel, celibatário, tinha duas filhas. Outro celibatário, o Tiradentes, tinha uma. Outro ainda, o poeta ouvidor Gonzaga, português dos bons e portanto de "condição namorada", nada platônico, deixou em Minas pelo menos um filho das ervas. O Padre José da Silva e Oliveira Rolim, célebre por seus abusos, desinquietador de famílias e que tomara ordens para fugir à

5) Cônego Raimundo Trindade, obra citada, pp. 1050-1053. Outros dados em *São Francisco de Assis de Ouro Preto,* Publicações do DPHAN, n.º 17, pp. 216-236.

6) Ver o vol. II, p. 115, dos *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira,* publicados pela Biblioteca Nacional (Ministério da Educação), em sete volumes, Rio de Janeiro, 1936-1938.

punição de um crime de morte que cometera, era pai de três ou quatro filhos menores, segundo a voz pública. Ter filhos naturais era então a cousa mais natural deste mundo; sem exceção para os padres, que costumavam ser muito bons padreadores. Casados e celibatários, clérigos e seculares, dentro e fora do matrimônio, todos pareciam apostados em povoar o mais depressa possível o nosso vasto e despovoado território, e com isso bem mereceram da pátria. Entre as pessoas de maior consideração existiam algumas que só deixavam "filhos naturais e pardos", como disse um observador do fato. E outro observador deixou dito que toda essa família irregular vivia sem escândalo ao lado da regular, "cristamente, catolicamente consagrada às claras".

Homem de escassos haveres, como o prova a relação de seus bens seqüestrados pelas autoridades da Devassa, o Cônego Luís Vieira da Silva possuía entretanto uma livraria muito bem abastecida, realmente notável para o tempo e o lugar. A lista dos livros seqüestrados mostra que o seu possuidor era um espírito altamente cultivado e receptivo, uma inteligência aberta aos mais variados aspectos do saber. Que era o mais instruído dos conjurados, como queria Norberto, facilmente se admite. Basta correr os olhos pela lista dos seus livros. Por isso o erudito Alberto Faria foi mais longe e considerou o Cônego "a maior ilustração colonial da época" [7], isto é, a pessoa mais instruída do Brasil em fins do século XVIII. O elogio é grande, mesmo por comparação com o atraso e a apatia espiritual em que vivia a Colônia por aquele tempo. A educação pouco progredira; os conhecimentos dos eclesiásticos limitavam-se geralmente a um mau latim; e o indivíduo feliz que reunia o conhecimento deste e do francês (leia-se a *História do Brasil* de Armitage [8]) era olhado como um gênio raro, digno de ser visto e ouvido. Ao contrário da América espanhola, que conheceu muito cedo, mal se firmara a Conquista, a imprensa e o ensino universitário, não havia em todo o Brasil uma só tipografia, uma única Universidade.

O quadro geral era esse, numa visão de conjunto. Mas havia, aqui e ali, pequenos núcleos de homens instruídos ou ávidos de instrução, mais ou menos contagiados do "furor de aprender" e da

7) Alberto Faria, *Aérides*, Rio de Janeiro, 1918, p. 225.
8) João Armitage, *História do Brasil*, Rio de Janeiro, 1837, p. 6.

"febre de inteligência", que caracterizaram a última metade do século XVIII, o "século educador", como foi chamado.

As autoridades da Colônia opunham obstáculos à entrada de livros no Brasil? O fato não deve ser exagerado. Em todas as partes e em todos os tempos, as autoridades criaram óbices à circulação dos escritos tidos como perigosos, o que entretanto nunca impediu que tais escritos fossem lidos e até às vezes muito lidos. Na América espanhola — tal é a opinião do ilustre historiador argentino José Torre Revello [9] — leu-se tudo quanto era dado ler na Espanha, e os colonos, de acordo com seus gostos e possibilidades econômicas, leram os livros que desejaram. A este propósito, disse um sagaz intérprete da cultura hispânica, o eminente filólogo e crítico Américo Castro, catedrático de Civilização Ibérica na Universidade norte-americana de Princeton:

"As bibliotecas do México [referia-se aos séculos XVI e XVII] possuíam livros de alta qualidade. Em 1600, com licença da Inquisição — oh, ironia! — vão para o México quase mil volumes, entre os quais encontramos Copérnico, Telésio, Fracastoro, Erasmo, clássicos gregos, toda a física e a matemática européias. E não só no México acontecia isso [10]."

Provam-no as relações de livros embarcados para o Novo Mundo e os registros de bibliotecas particulares coloniais, como por exemplo a de Melchor Pérez de Soto, arquiteto na Cidade do México, que contava 1592 volumes relativos aos mais variados campos de saber (poesia, novela, fábulas, provérbios, ensaios, obras de linguagem, tratados científicos, etc.) quando foi seqüestrada para exame e expurgo, em janeiro de 1655, pelo Tribunal do Santo Ofício, sob a alegação de que continha livros de astrologia judiciária e a acusação de que o seu possuidor a praticava. Não se sabe por que meios certos livros, apesar das proibições, chegavam às mãos de leitores como Pérez de

9) José Torre Revello, *Por qué circularon los libros de caballería en América en el siglo XVI*, em "La Prensa", Buenos Aires, 27 de agosto de 1939. Cf. o que diz Ricardo Levene, em *Síntese da História da Civilização Argentina*, traduzida por J. Paulo de Medeyros, Rio, 1938, p. 121:

"*Tais severas prescrições* [as que proibiam a impressão ou venda de livro algum que tratasse matéria relativa à América, sem a licença legal] *não se cumpriram, assim como tampouco as referentes à circulação de livros proibidos, que, embora figurassem no* Index, *eram freqüentes na América.*"

10) *La peculiaridad lingüística rioplatense*, Buenos Aires, 1941, p. 49.

Soto. O fato significativo é que chegavam. Casos excepcionais? Não parece. O que um homem de modesta posição social, como era aquele arquiteto mexicano, pudera grangear, outros muitos também o teriam conseguido.

De nossa parte, não cremos que na América portuguesa as cousas se passassem de maneira muito diversa. E a nossa convicção se firma no testemunho das livrarias do Cônego Luís Vieira da Silva, dos Drs. Cláudio Manuel da Costa, Inácio José de Alvarenga Peixoto e do Coronel José de Resende Costa, que atestavam um índice de ilustração muito adiantado para o meio em que viviam. Não é pois arriscado afirmar que os intelectuais de Vila Rica leram tudo o que quiseram ler. Do Cônego Luís Vieira, a julgar pelos livros que possuía, pode-se dizer que foi um mineiro que respirou a plenos pulmões os melhores ares do espírito do tempo.

Figure-se isto: um letrado pobre, como era o nosso Cônego — a pobreza era geral — tinha em sua casa, nos sertões das Minas Gerais, duzentas e setenta obras, com cerca de oitocentos volumes. Essas centenas de volumes representavam uma biblioteca magnífica para a época e o lugar. Para qualquer lugar naquela época, acrescente-se logo, pois deve-se levar em conta que no tempo de Luís Vieira da Silva as livrarias particulares, mesmo na Europa, não eram consideráveis. A de Kant, por exemplo, não passava de trezentas obras. Um século antes, Spinoza tinha apenas cento e sessenta [11].

Não se sabe, com plena certeza, se o cônego marianense participou efetivamente de um intento de revolta contra o governo da Metrópole. Foi um conspirador? Talvez sim e talvez não. Era, sem dúvida, um patriota que acreditava na implantação, mais cedo ou mais tarde, de um governo independente no Brasil, a exemplo do que se dera nos Estados Unidos da América. E sua responsabilidade intelectual, pode-se muito bem supô-lo, não teria ido além do que ficara em conversas, meras cogitações de homem de pensamento, palavras que o vento leva. Essas palavras, trocadas negligentemente com amigos, foram entretanto recolhidas e envenenadas por cavilosos delatores, e o comprometeram irremediavelmente, junto com outros pacatos literatos de Minas, em circunstâncias que tudo agravavam.

11) Ver Paul Vulliaud, *Spinoza d'après les livres de ses bibliothèques* (Bibliothèque Chacornac), citado por Georges Friedmann, *Commune*, n.º 19, Mars 1935.

Entre os manuscritos da Biblioteca Municipal do Porto (a referência é do nosso bem informado historiador Afonso de E. Taunay) encontrou-se um papel do maior interesse sobre a Inconfidência. Era uma carta fragmentária, sem assinatura, escrita de um ponto da comarca do Rio das Mortes, em Minas Gerais, a um seu correspondente em Portugal, relatando os fatos, atualíssimos no momento, da conjuração mineira. Em certa passagem rezava o papel:

"Foi preso Luís Vieira, cônego da Cidade Mariana. Dizem que a sua culpa se limita a terem-lhe achado um livrinho francês, relativo ao levante desta terra, no qual se diz que podiam os habitantes viver sobre si, sem dependência do comércio para o nosso reino, à imitação do que fizeram os Americanos aos Ingleses [12]."

Era pouquíssimo, parece, o que se podia articular contra o Cônego. O mesmo sucedia com os outros implicados, excetuado sem dúvida o *Tiradentes*, que falava de mais e pagou por isso.

Há os que exageram a importância da conspirata de Vila Rica. E há os que a reduzem a pouco mais de nada. Que revolução, pensam estes, poderia tramar-se a sério, no interior do país, sem armas e sem povo? Como poderia um subalterno alferes, tido por todos como insensato e temerário, comandar tantos superiores?

São de Martim Francisco as seguintes palavras, com as quais concordamos inteiramente:

"Provável, certo mesmo e muito natural, é haverem os letrados inconfidentes, em entretidas palestras, discutido a marcha e o desdobramento dos destinos humanos, e com especialidade os da promissora colônia. Extrair, porém, daí o desígnio de imediata independência do Brasil é desordenar a verdade histórica com importunas abundâncias de imaginação." (*Contribuindo*, S. Paulo, 1921, p. 211).

E também com as de ps. 215-216:

"Uma afirmativa, porém, deve prevalecer desde já: a Inconfidência foi uma comoção regional; simpática, atraente, interessantíssima por mais dum aspecto, mas regional, manifestamente regional. Impulsionou-a o sincronismo da derrama e da reação burocrática

12) A. de E. Taunay, "Boatos sobre os inconfidentes mineiros (1789)", *Jornal do Comércio*, Rio, janeiro de 1943.

antipombalina. Provocou-a essa caterva rezadora e depravada, que se assenhoreara do ânimo, já semi-louco, da infeliz rainha Dona Maria I."

Em todo o caso, não é desarrazoado supor que o Cônego conspirara claramente com alguns dos implicados no processo de rebelião.

O Cônego era um letrado e, talvez, um *clerc* puro, um asceta de torre de papel. Mas entre estes é que em geral se encontram os dissidentes e inconformados, os heréticos, os que, sob uma aparente indiferença pelas cousas da terra, ruminam no cérebro a subversão e até a destruição da sociedade. Os poetas do "grupo mineiro" versejavam bucolicamente, brincavam de árcades e liam os críticos sociais da longínqua Europa. Vida tranqüila, verdadeiramente arcádica, a que levavam nas montanhas mineiras? Nada disso. Andavam roídos pelo descontentamento e ardiam de inquietação. Com a acidez que tinham no coração escreveram às ocultas as causticantes *Cartas Chilenas* e com a pólvora que armazenavam na cabeça teriam tramado imaginativamente — só imaginativamente, talvez, — a destruição do governo do Brasil-Colônia.

Fosse como fosse, não era sem alguma razão que se desconfiava do Cônego. Era um *ideólogo*, um *intelectual*, pertencia a uma espécie de indivíduos que já então parecia suspeita aos sustentáculos da Ordem. Na sua biblioteca havia livros perigosos e incendiários. O espírito da Revolta — o espírito de Satã — penetrara nela, cavilosamente escondido nas obras dos escritores e *filósofos* que discutiam o regime que convinha impor aos povos para fazê-los felizes, benignos e amigos das luzes. Voltaire escrevia a d'Alembert, em data de 15 de agosto de 1769: — *"Adeus, meus respeitos ao Diabo, porque é ele quem governa o mundo."* Ora, o Diabo, o grande Doutor Herético, insinuara-se ali sob o seu melhor disfarce, a letra de imprensa, para perturbar e perder o bom do Cônego. E efetivamente o perdeu.

Que livros eram? É o que tentaremos saber, mediante o escrutínio que faremos na sua biblioteca, guiados pela relação dos volumes que lhe foram seqüestrados no processo de inconfidência [13].

13) Sobre os volumes seqüestrados ao Cônego, ver *Autos de Devassa da Inconfidência Mineira*, vol. I, pp. 436 e segs., e vol. II, pp. 277 e segs.

ESCRUTÍNIO NA LIVRARIA DO CÔNEGO

Nosso escrutínio não será como aquele que o barbeiro e o cura fizeram na livraria de D. Quixote, para lançarem à fogueira os excomungados alfarrábios que haviam perturbado a mente fraca de Alonso Quijano *el Bueno*.

Quem leu o livro de Cervantes conhece o episódio. Enquanto D. Quixote dormia, descansando o corpo moído pelas fadigas da sua primeira saída e maltratado pelas pancadas que recebera ao deixar a estalagem que ele por seu mal imaginava ser castelo, o cura e o barbeiro entraram no cômodo em que estavam os livros culpados de tudo e acharam mais de cem grossos volumes encadernados, além de outros pequenos. Livros de cavalarias, quase todos. A criada, assim que os viu, saiu logo do cômodo, benzendo-se, e voltou depressa com uma tigela de água benta e um hissope: "Tome Vossa Mercê, senhor Licenciado (disse ao sacerdote), regue esta casa toda com água benta, não ande por aí algum encantador, dos muitos que moram por estes livros, e nos encante a nós, em troca do que nós lhe queremos fazer a eles, desterrando-os do mundo." O cura riu-se da simplicidade da criada e deu início com o barbeiro ao *auto-de-fé*, do qual com justiça salvaram todas as obras que tinham algum valor literário e condenaram as que por sua tolice mereciam realmente o fogo.

Na livraria do Cônego da Sé de Mariana havia também livros em que moravam "encantadores", e alguns nada católicos, que precisavam de água benta. Até que ponto o dono e leitor desses livros se deixou "encantar" por eles? Não se pode saber. Mas se, como parece certo, o encantaram e perturbaram é porque eram bons. O destino dos livros melhores é esse: o de encantar e perturbar, excitando magicamente a fantasia, o de fecundar e estimular a faculdade criadora do espírito, irmanando o sonho com a ação.

Os livros de cavalarias, que hoje nos parecem extravagantes e pueris, encantavam e perturbavam os espíritos ainda no tempo de

Cervantes e a sua leitura chegou a ser proibida porque as autoridades os consideravam perniciosos. Hoje são simples curiosidades da história literária. De modo um tanto parecido, os livros mais famosos do século de Voltaire, que propagavam o enciclopedismo, o racionalismo e o espírito da Revolução, perderam há muito a primitiva capacidade de agitar os espíritos e atualmente só interessam por bem dizer à história das idéias. Mas no tempo do Cônego inconfidente, que tinha alguns dessa espécie, eram tidos como perigosos e podiam comprometer a quem os lesse.

Nosso escrutínio não se limitará a esses livros. Nem será expurgatório. É simples curiosidade de "homem impresso", amigo do papel impresso: queremos apenas indagar o que lia, em fins do século XVIII, um brasileiro ilustrado, — no caso, o mais ilustrado dos brasileiros daquele tempo, segundo a opinião de Alberto Faria.

Das 270 obras, com perto de oitocentos volumes, que compunham a livraria do Cônego, mais de metade era em latim, cerca de noventa em francês, pouco mais de trinta em português, cinco ou seis em italiano e outras tantas em espanhol, além de 24 livros ingleses que figuram na relação englobadamente sem indicação de títulos nem de autores. É mais que provável que outros volumes estivessem emprestados ou perdidos, pois quem possui livros jamais consegue evitar que alguns se percam ou estraguem nas mãos de amigos ou filantes. E havia também entre os seqüestrados ao Cônego três ou quatro que não lhe pertenciam.

O melhor da livraria de Luís Vieira da Silva não estava na quantidade, mas na qualidade das obras reunidas. Não se pode imaginar nada mais variado nem mais bem escolhido. Tanto em obras de formação ou de informação, como em obras de edificação ou de recreio, assim como nas de agitação e propaganda de novas idéias, havia ali com que satisfazer ao mais exigente espírito livresco daquela época em que o gosto da leitura se espalhava por todas as partes.

COMEÇA O ESCRUTÍNIO

Em qualquer biblioteca digna desse nome, por pequena que seja, os léxicos e dicionários estão em primeiro lugar. Sem esses preciosos guias, toda leitura e todo estudo se tornam difíceis e lacunosos. E para quem os sabe ler não há leitura mais curiosa nem sugestiva. Na livraria do Cônego, bem provida neste ponto, achavam-se os seguintes: um *Calepinus Septem Linguarum,* em dois volumes; o *Dictionnaire italien-françois et françois-italien,* de Veneroni, nome italianizado de Jean Vigneron, que se fazia passar por florentino e fizera nome como professor de italiano, tornando-se secretário-intérprete do rei de França; um dicionário português-francês, outro português-latino e outro alemão-francês-latino, assim como um *Vocabulario de las dos lenguas toscana y castellana, o Dictionnaire Latin-François* de Petrone e o *Dictionnaire françois-anglois et anglois-françois,* de Boyer.

Como obras de consulta em forma de dicionário, possuía o *Dictionnaire universel d'histoire naturel,* de Valmont de Bomare, seis volumes; o *Nouveau Dictionnaire historique,* seis volumes; *o Nouveau Dictionnaire des Sciences,* o *Dictionnaire géographique, L'Encyclopédie* de Diderot e d'Alembert (só dois volumes relacionados), e ainda dois volumes do *Dictionnaire portatif des cas de conscience,* cinco do *Dictionnaire historique des cultes réligieux* e dois do *Dictionnaire des héresies,* do abade Adrien Pluquet, amigo de Fontenelle, Montesquieu, Helvetius.

Chama a atenção, como peça de honra na estante dum bom latino, a *Minerva seu de Causis linguae latinae* de Francisco Sánchez *(Sanctius),* o Brocense, obra clássica, que serviu de guia aos autores da *Grammaire de Port-Royal.* Além de outras obras de informação e estudo, entre as quais uma *Gramática inglesa* e um volume de *Graece Linguae Radices.*

Os títulos e os nomes dos autores das obras que figuram nos

autos de seqüestro foram na maior parte estropiados pelos escrivão e sobretudo pelo copista do manuscrito dos Autos. De muitas omitiu-se o nome do autor, como por exemplo ao mencionar-se o *Nouveau Dictionnaire historique*, que pode ser o do padre jesuíta Feller, plagiário emérito, que para compô-lo se apropriou descaradamente da obra análoga do beneditino Chaudon. Salvo se não era uma das edições do *Dictionnaire* de Moreri, ou a do próprio dicionário de Chaudon. O *Dictionnaire géographique*, mencionado também sem indicação de autor, era provavelmente o de Ladvocat e Vosgien, igualmente plagiado pelo audaz Feller.

Existiam em boa quantidade obras elementares de ciências e conhecimentos úteis, tratados de Física, Geometria, Astronomia, História natural, Geografia, noções de Agricultura e de Arte militar, manuais de Matesiologia e de Docimasia, etc., em francês, pela maior parte.

Eram naturalmente numerosas as obras de Teologia, Direito Canônico, Liturgia, Embriologia sacra, Exegese e Apologística cristãs, Casuística e outras da mesma índole sagrada. Lá figuravam também vários oradores profanos e sacros, com Demóstenes, Cícero e Bossuet à frente, assim como as obras completas, em latim, dos doutores da Igreja: Santo Ambrósio, São Jerônimo, Santo Agostinho, Santo Tomás, São Bernardo e São Gregório Magno.

Lá estavam várias obras de Filosofia, Metafísica e Lógica, que não podiam faltar na mesa de trabalho de um antigo lente de Filosofia: a *Summa Theologica* de Santo Tomás, a *Philosophia peripatetica* de Mayr, *Eléments de Métaphysique* do padre jesuíta Para du Phanjas, a *Lógica* de Luís Antônio Verney, as *Disputationes Metaphysicae* do padre jesuíta Silvestre Aranha, a *Metaphysica* e a *Lógica* de Antonio Genovesi *(Genuense)*, criador da Economia Política na Itália, filósofo eclético (dos que tentavam conciliar Bacon e Descartes, Locke e Leibniz), censurado em Roma por algumas de suas opiniões teológicas; a *Philosophia mentis* e os *Elementos Metafísicos* de Brescia *(Brixia)*, o *Compendium Philosophicum Theologicum* de Manuel Inácio Coutinho e um manuscrito de Postilas de Filosofia, que seriam as do próprio Cônego destinadas aos seus alunos.

Existiam na sua biblioteca algumas obras excelentes de Medicina: a *Exposition anatomique de la structure du corps humain* do anato-

mista Winslow, membro da Academia das Ciências da França; o *Traité de Médecine pratique* do médico escocês Cullen, que introduziu uma classificação metódica na nosologia; o *Traité des Maladies vénériennes* de Fabri e sete volumes das obras de Tissot, médico suíço que contribuiu para propagar a prática da vacina. Curioso de tantos ramos do saber humano, era natural que também o fosse da ciência médica. E por ela se interessava, provavelmente, como médico de si mesmo, e também porque de médico e louco toda gente tem um pouco. Cabe entretanto outra explicação, perfeitamente aceitável. Escasseavam então, em todo o país, médicos e cirurgiões. Para sanar essa falta, assim como a de bons remédios, muitos sacerdotes praticavam a medicina e vendiam mezinhas e boticas, às vezes em forma bem ativa e rendosa. Costumava ser um bom negócio e tinha além disso uma utilidade — a de impedir que muitos doentes fossem vítimas da ignorância dos piores curandeiros. Pode-se pois admitir que o Cônego socorria o próximo com as suas luzes de entendido na arte de curar.

UM GERALISTA DE BOAS LETRAS

O Cônego era pobre. Toda a sua riqueza estava na bem fornida livraria que conseguira reunir. E provavelmente não ambicionava outra, tão certo é que aqueles que se inclinam ao amor dos livros prezam pouco o dinheiro e os bens deste mundo. Sábio como era, facilmente se consolaria da sua pobreza de intelectual, dizendo a si próprio que um mesmo homem não pode estimar a pecúnia e as cousas do espírito, ou, com palavras de um doutor da Igreja, a moeda de ouro e a Escritura.

Que inteligente leitor foi Luís Vieira da Silva! Na sua livraria, excepcional para um Geralista [14], mesmo de boas letras, cuja investigação iniciamos no capítulo anterior, a Religião, a Filosofia, as Letras e as Ciências, o antigo e o novo achavam-se bem representados e, em alguns casos, muitíssimo bem representados. Havia ali com que desenvolver integralmente as faculdades intelectuais e formar uma sólida cultura geral.

Prosseguindo na investigação, veremos o que havia com referência às boas letras e às doutrinas literárias. São evidentes os sinais de apreço à antigüidade clássica e aos melhores clássicos franceses e portugueses. E nota-se também, como era natural, o gosto pela literatura que no século XVIII tomara por toda a parte um caráter científico, filosófico ou utilitário que sufocava o poético, criador e lírico. O influxo francês mostrava-se exagerado. Voltaire era o grande mandarim literário, dentro e fora de França e ainda passava — ele, o Anti-Poeta! — pelo maior poeta lírico e dramático do século. Volumes de Voltaire foram encontrados entre os livros de Luís Vieira, Alvarenga Peixoto e Coronel José Resende Costa. Seu *Essai sur la Poésie épique* foi, segundo João Ribeiro, o evangelho de Cláudio Manuel na composição do poema *Vila Rica*, artificioso e coriáceo exercício poético de um lírico já sem veia.

14) *Geralista:* nome que também se dava ao Mineiro, filho das Minas Gerais.

E, não o esqueçamos, era a época das Arcádias que em Portugal se fundaram à imitação das italianas e tiveram reflexos no grupo literário de Vila Rica.

Dos autores imortais da antigüidade clássica existiam na livraria do cônego: Virgílio, Horácio, Suetônio, Júlio César, Quinto Cúrcio, Ovídio, Terêncio, Catulo, Tibulo, Propércio, Cornélio Nepos, Ausônio, Manílio, Quintiliano, Sêneca, alguns em edições *ad usum Delphini*, e as orações de Demóstenes em latim.

Dos clássicos portugueses, viam-se os quinhentistas Sá de Miranda, Camões (*Os Lusíadas*, com as notas de Faria e Sousa), Barros e Diogo do Couto (*Décadas*) e Diogo Bernardes (*O Lima*), e o seiscentista Gabriel Pereira de Castro (*Ulisséia*, ou *Lisboa edificada*). Dos setecentistas, Luís Antônio Verney (*Obras, Lógica*), Dom Antônio Caetano de Sousa (*Memórias históricas e genealógicas dos Grandes de Portugal*), Padre Antônio Pereira de Figueiredo (*Compêndio das épocas*), Francisco José Freire...

Nada sobre o Brasil ou do Brasil. Muito mais tarde é que entraria nos homens ilustrados o apreço pela terra e as cousas brasileiras. Só uma obra de escritor nascido aqui, o *Orbe Seráfico* de Frei Antônio de Santa Maria Jaboatão.

Dos clássicos franceses, Corneille, Racine, Bossuet, Voltaire, Fénelon, Montesquieu, Marmontel... Em traduções francesas, Anacreonte, *Le Paradis perdu* de Milton, *La Méssiade* de Klopstock e dois volumes de *Mélanges de littérature orientale* de Cordomi.

Anotamos uma obra muito ao gosto da época, que tinha na pastoral o seu predileto campo poético: *La mort d'Abel*, de Gessner, poeta e paisagista suíço, chamado o Teócrito da Helvécia e a quem Rousseau considerava *"un homme selon son coeur"*. Esse livro teve uma multidão de tradutores e imitadores em todas as línguas. Em Gessner, como em Klopstock, já se observavam indícios do romantismo anglo-germânico. O português Freire Barbosa, de volta de Zurique, em 1784, publicou os *Idílios e Poesias Pastoris de Salomão Gessner*. Da *Morte de Abel* aparece em 1785 uma tradução portuguesa do Padre José Amaro da Silva, seguida de uma segunda, em 1818, além de outras traduções. O poeta suíço era muito lido e admirado pelos portugueses. Em Gessner, como em Klopstock, já se observavam indícios veementes do Romantismo anglo-germânico, e ambos contri-

buíram para levar a revolução literária alemã a Portugal, muito antes da francesa de Hugo e Lamartine. O poeta suíço era para Castilho, seu sósia na inspiração idílica, "o meu Gessner", ou, como disse o filho, Júlio de Castilho, "um indivíduo presente, um suavíssimo contubernal." Herculano teve persistente devoção por Klopstock, de quem traduziu a *Messíada*, e a forte impressão causada em seu espírito fundamente religioso pela leitura desse poema tê-lo-ia abalançado a escrever a *Semana Santa*, de klopstokiana envergadura.

Outra obra muito lida e traduzida, entre as que lá se achavam: o poema *Joseph* de Bitaubé, autor de celebradas traduções francesas da *Ilíada* e da *Odisséia* de Homero e de *Hermann e Dorotéia* de Goethe.

Alberto Faria, em sua edição literária da *Marília de Dirceu* observou que o tema da lira IX recorda certa poesia de de Parny, lembrando também uma de Marmontel, e escreveu: *"Conheceria Gonzaga tais poesias, com que tanto se parece a sua? Dado o* rigorismo *em Portugal, para impedir a divulgação, no Reino e Colônias, de idéias francesas da época, é lícito duvidar* [15]."

Faria iludia-se com o propalado rigor das autoridades metropolitanas, que verdadeiramente não eram neste caso tão rigorosas como se tem pensado. Lia-se Voltaire, Rousseau, Raynal, Mably, Montesquieu... Por que não se havia de ler o volteriano Marmontel, que depois de velho acabou acompanhando procissões, rosário e círio na mão? O erudito Faria não teria dúvidas se houvesse corrido os olhos pela lista dos livros seqüestrados ao inconfidente Luís Vieira da Silva. Lá está Marmontel, dentro dos *Contos morais*, junto de outros contemporâneos muito mais perigosos que haviam escapado à vigilância das autoridades. Os contos eram inocentes, mas não foram as únicas obras que entraram do autor dos *Incas* e do *Belisário*, criador de um gênero novo — o gênero supinamente enfadonho. Quanto ao Visconde de Parny — diga-se de passagem — ele em pessoa esteve no Rio de Janeiro pelo ano de 1773 [16].

Dos italianos, poucos: *Gerusalemme liberata* de Torquato Tasso, *La secchia rapita* de Tassoni e onze volumes das obras do abade

15) *Marília de Dirceu (Seleção das liras autênticas)* por Tomás Antônio Gonzaga, edição literária de Alberto Faria, Rio de Janeiro, 1922, pp. 121 e 122.

16) Ver Afonso de E. Taunay, *Rio de Janeiro de antanho (Impressões de viajantes estrangeiros)*, São Paulo, 1942, pp. 61 a 72.

Pietro Metastásio, o poeta mais notável da segunda época arcadiana e, na opinião de muitos, o maior de seu tempo. Metastásio foi um dos poetas mais estimados e um dos modelos mais seguidos entre os árcades de Vila Rica. Suas obras achavam-se também na biblioteca de Alvarenga Peixoto (sete tomos) e provavelmente na de outros. Cláudio Manuel da Costa, nos "Apontamentos biográficos" por ele fornecidos à Academia Brasílica dos Renascidos, arrola entre os seus manuscritos várias traduções de dramas de Metastásio, e no "Fundamento histórico" do poema *Vila Rica* cita três versos do *Poema d'Alessandro* daquele poeta italiano, ídolo do século.

Em todo o Brasil era lido e admirado assim como aplaudido nas representações em que se recitavam seus melodramas. No relato que deixou de sua viagem ao redor do mundo, o navegante Bougainville refere-se aos dias em que permaneceu no Rio de Janeiro, em 1766. O vice-rei Conde da Cunha deu ao viajante francês e seus oficiais um camarote na Ópera da cidade, onde puderam ver, "em uma sala bastante formosa", narra Bougainville com certo desdém, "as obras primas de Metastásio representadas por uma companhia de mulatos e ouvir trechos divinos dos grandes mestres de Itália, executados por uma orquestra má, regida por um padre corcunda em hábito eclesiástico" [17].

Em Ouro Preto, por aqueles tempos, realizavam-se representações como as que escandalizaram Bougainville, no Rio. Leia-se nas *Cartas Chilenas*, 5.ª, versos 41-43:

> Ordena-se, também, que nos teatros
> Os três mais belos dramas se estropiem
> Repetidos por bocas de mulatos;

De outro autor italiano, Aurélio Bertola de Giorgi, polígrafo e poeta de fins de Setecentos, fisgamos na relação a tradução francesa de *Le Notti Clementine (Nuits Clémentines)*, *"luminose notti"*, na opinião de Metastásio, obra em estilo youngiano, composta em louvor de Clemente XIV, por ocasião de sua morte, quando corriam escritos ofensivos àquele Pontífice que suprimira a Sociedade de Jesus.

Da Espanha, um único escritor, e esse mesmo por ser divulgador de *idéias francesas*, o Padre Benito Jerónimo Feijoo, a quem Gregório Marañón tem na conta de *"assombroso exemplo do poder da palavra*

17) Ver L. A. de Bougainville, *Viaje alrededor del mundo*, traducida del francés por Josefina Gallego de Dantin, Buenos Aires, 1943, p. 82.

humana". As *Cartas eruditas y curiosas* e sobretudo o *Teatro crítico universal* do ensaísta Feijoo (de que se achou um volume truncado na livraria do Cônego) eram uma verdadeira introdução crítica à ciência européia, além de conterem uma investigação aguda do marasmo e do cansaço em que se achava mergulhada a vida intelectual em sua terra. O *Teatro crítico* teve numerosas edições, circulou pela Europa e a América e foi lido no Brasil por alguns homens instruídos [18].

O Cônego da Sé marianense grangeara fama de bom orador. E que era um orador erudito e estudioso da sua arte, lá estavam a demonstrá-lo os mestres e tratadistas da eloqüência, que tinha em casa: o Quintiliano, com a sua *Institutio oratoria,* o mais completo e estimado código sobre a educação do orador que os antigos legaram à posteridade; as *Máximas sobre a arte oratória* de Francisco José Freire *(Cândido Lusitano); Palestra oratória,* a *Arte e método de pregar,* as *Novas observações sobre a arte de pregar,* os *Diálogos sobre a eloqüência* e *L'Art de toucher le cœur,* estes últimos sem indicação de autor na lista que estamos seguindo.

Não sabemos se poetava, mas é certo que se interessava pela teoria e a técnica literárias e especialmente pelos tratadistas poéticos. Assim é que possuía o *Gradus ad Parnassum,* dicionário de prosódia e de expressões poéticas, para ajudar a compor versos latinos, do jesuíta Paul Aler; a *Arte poética de Quinto Horácio Flaco, traduzida e ilustrada em português* por Francisco José Freire, e da lavra do próprio Freire *(Cândido Lusitano)* a *Arte poética, ou regras da verdadeira Poesia em geral e de todas as suas espécies principais, tratadas com juízo crítico,* conforme rezava, por inteiro, o título desse preceituário da inspiração pautada e do estro convencional do arcadismo. Tinha ainda de Freire o *Secretário português,* e também uma *Retórica* de Vossius, sábio alemão, heterodoxo, cujas obras completas, escritas em latim, formam seis volumes (Amsterdã, 1701).

18) Os dois primeiros livros que pude comprar — teria eu já uns vinte anos — foram as fábulas de La Fontaine traduzidas pelo Barão de Paranapiacaba (obra que ainda possuo) e um volume desemparelhado do *Teatro Crítico* de Feijoo, que o bicho destruiu totalmente em alguns anos. A edição deste volume era da segunda metade do século XVIII. Procedia duma velha biblioteca particular do interior de Minas e fora comprado por mim, junto com o outro volume mencionado, pela quantia de quatro mil réis, na liquidação do fundo da Livraria e Papelaria Joviano, de Belo Horizonte. Agrada-me pensar que o volume teria pertencido talvez ao Cônego Vieira da Silva. Bem podia ser. O mundo é pequeno.

FEBRE DE INSTRUÇÃO

O espírito do século XVIII — o espírito novo — inclinava-se para a observação e a experiência. Descobria-se a natureza externa, procurava-se o real. O mundo era vasto e desconhecido; a natureza humana, diversa e complexa. As relações dos grandes viajantes e exploradores marítimos — Anson, Cook, Bougainville, — lidas com avidez, incutiam por toda a parte o gosto das viagens. Para os que não podiam ou não queriam viajar, escreviam-se livros mais ou menos documentados e pitorescos. O filósofo Kant, sedentário e comodista, jamais saíra da sua cidade natal, a não ser para lecionar algum tempo num lugarejo vizinho; mas — homem de sua época — gostava da geografia e da etnologia de terras longínquas, e metade da sua pequena biblioteca constituía-se de narrações de viagens.

Essa literatura entrou também na livraria do Cônego Luís Vieira da Silva e ali se achava representada principalmente — entre outras obras provavelmente existentes mas não especificadas na relação das que lhe foram seqüestradas — pelo livro de Robilon e Banks, *Voyages autour du monde,* em quatro volumes, e por outro muito anterior à dromomania do século XVIII, o intitulado *Novus orbis regionum ac insularum veteribus incognitarum,* compilação de narrativas de viagens modernas, tomadas a diversos viajantes, pelo célebre teólogo e filólogo protestante Simon Grynaeus, amigo de Erasmo e Melanchton. Nessa obra, publicada em Basiléia, 1532, apareceu um mapa-múndi, logo famoso, com curiosos desenhos e interessantes descrições das terras americanas.

O livro de Banks referia-se às viagens que o célebre naturalista inglês realizou pelo mundo, para formar sua coleção de plantas e enriquecer sua biblioteca de todos os livros relativos à ciência de que se ocupava. Banks visitou primeiramente, no navio de um capitão amigo, as regiões frias da Terra Nova e do Labrador. Depois, fez

parte da expedição de Cook aos mares do Sul, em 1768. Passando pelo Rio de Janeiro, empenhou-se em explorar com seu companheiro Solander (discípulo de Lineu) a flora e a pequena fauna do Rio e arredores. O governador da cidade, não compreendendo que alguém pudesse empreender penosas e arriscadas excursões com o fim único de herborizar e caçar borboletas, recebeu hostilmente os visitantes. Estes, não obstante, conseguiram percorrer todas as ilhas da baía e recolheram boa quantidade de plantas e insetos.

Sobre geografia tinha o Cônego dois dicionários, ambos em francês (um seria, provavelmente, o de Ladvocat e Vosgien) e a *Géographie moderne*, em dois volumes, de Nicolle de Lacroix, que durante muito foi clássica na França.

Ao gosto da geografia e das viagens e explorações prendia-se o gosto das ciências e, em particular, das ciências naturais. E também o gosto dos estudos históricos, pois a história confirma a geografia, ou esta confirma aquela.

De História Natural, anotamos o *Dictionnaire universelle d'histoire naturelle,* em seis volumes, de Valmont de Bomare, naturalista francês que muito concorreu para difundir a ciência que professava; um volume com as *Mémoires instructives sur l'histoire naturelle* e ainda um livro relacionado com o assunto, de Bernardin de Saint Pierre, os *Estudos da natureza,* muito lido na época.

Era grande a difusão e a influência da ciência. O estudo das ciências experimentais penetrava no ensino. A escolástica desaparecia do ensino científico dos colégios e mergulhava no ridículo. E até os jornalistas — apedeutas crônicos — justificavam o estudo da Física e das Matemáticas. A moda propagou-se às próprias mulheres. Na opinião de um filósofo da época, a Física era uma das mais nobres e virtuosas ocupações do espírito humano.

Contagiado pela febre de instrução, que a todos atacava, o douto lente de Filosofia aplicava-se também ao estudo da Física. Lá tinha ele em dois volumes a obra *Physices elementa mathematica,* do físico, matemático e filósofo holandês Gravesande, um dos primeiros que adotaram e propagaram as teorias de Newton, havendo contribuído

com seus trabalhos para o progresso da Física e das Matemáticas; a *Physica* de Musschenbroek, outro sábio holandês, inventor da garrafa de Leida, discípulo e amigo de Gravesande e que também concorreu com suas lições, suas descobertas e suas obras para a introdução na Holanda da filosofia experimental e do newtonismo; a *Physica* de Zanesi e uns *Essais de Physique* sem o nome do autor na relação que estamos acompanhando. Tanto de Gravesande como de Musschenbroek existiam ainda outras obras de Filosofia e Metafísica. E registre-se um *Nouveau Dictionnaire des Sciences,* em dois tomos.

A filosofia da observação, o sensualismo de Locke, estava representado por três tomos das obras do abade de Condillac.

Em outros ramos: uma *Geometria* de Descartes, em dois volumes; os *Elementos de geometria* do padre Manuel de Campos; *Elementa matheseos* de Brescia e *Elementa Universae,* em cinco volumes, de Wolff; *Elements de docimastique,* em quatro volumes; um manual de Astronomia, em latim; um manual de Agricultura, em francês (o de La Salle de l'Etang, reputadíssimo naquele tempo); dois volumes intitulados *Secrets concernant les arts et les métiers...*

O homem era curioso de tudo, e de tudo havia um pouco entre os seus livros, que ele teria adquirido sabe Deus com que dificuldades.

A febre de instrução era tal no Cônego, que até o levou a estudar os rudimentos da arte da guerra. Quando nada é o que se poderia depreender da existência na sua livraria de um volume intitulado *Elementos de arte militar.* Só febre de instrução? Um historiador talvez se aventurasse a afirmar, com a facilidade com que os historiadores costumam tirar suas deduções, que estava ali um terrível documento contra o Cônego, o mais comprometedor dos documentos, a denunciá-lo como o provável estrategista da planejada revolta contra a Metrópole. E seria assim mais realista que as autoridades do Reino, as quais, ao que parece, não deram importância ao caso.

O historiador poderia entretanto retrucar lembrando o depoimento do conjurado Domingos Vidal de Barbosa, o qual declarou no auto de perguntas *"que o Cônego Luís Vieira tinha um plano, para por ele verem a segurança deste país; e outro igual, para por ele se regerem, dizendo que este continente a natureza o tinha feito defensá-*

vel por si mesmo, e que a entrada da barra do Rio de Janeiro bastava guarnecê-la de diversas emboscadas, de tal sorte que qualquer tropa que subisse, do Sertão se desbaratava, e os que escapassem da primeira não escapariam da segunda..."

Aí está, era o Cônego o estrategista da conjuração, diria o historiador, como era o Cônego um dos encarregados de elaborar as leis da república que aqui se implantaria.

Passemos por cima desta matéria conjetural e improvável.

A HORA DA AMÉRICA... PELO MERIDIANO DE PARIS

Como ficou dito, achavam-se entre os livros seqüestrados pelas autoridades da devassa ao Cônego Luís Vieira 24 volumes ingleses, arrolados sem indicação de títulos nem de nomes de autores, talvez porque parecessem arrevezados ao escrivão. Que livros eram? Adivinhe-o quem puder. Junto deles, convém relembrar, achavam-se uma Gramática inglesa e o *Dictionnaire françois-anglois et anglois-françois* de Boyer. Muito provavelmente, o ilustrado Cônego da Sé marianense, curioso e estudioso como era, exercitava-se numa língua que lhe permitiria não só o contato direto com o pensamento inglês, que influíra poderosamente no enciclopedismo francês, como também — e talvez fosse o motivo principal — por ser a língua da jovem república norte-americana, considerada então pelos filósofos sociais da França como o campo de experiência do mundo.

Sabe-se como calou no ânimo dos patriotas mineiros a emancipação das colônias inglesas da América do Norte. Havia em todos o íntimo desejo de se ver fundada também no Brasil uma república livre, e sobre a matéria já se conversava com muito pouca reserva. O Cônego Luís Vieira da Silva, segundo declarou um depoente no auto de perguntas da inquirição-devassa, era o "mestre da aula" em tais conversações, o que mais gosto e complacência mostrava em discorrer sobre o assunto. Outro depoente, o irlandês Nicolau Jorge, que se achou envolvido no processo, ao ser interrogado sobre se não se recordava de ter falado acerca da sublevação da América inglesa, declarou que a esse respeito só conversara algumas vezes com o Cônego Luís Vieira da Silva, *"por ser o dito cônego muito instruído e noticioso, o qual sempre se punha da parte dos Franceses e ele respondente da dos Ingleses"*.

O próprio Cônego não ocultou que lera a história do levantamento da América inglesa (e não fora o único a lê-la), nem negou que a ela

houvesse feito referências, o que bem se compreendia, disse ele, em pessoas aplicadas ao estudo da História. Foi essa entretanto uma das causas de sua perdição.

Era grande a curiosidade dos conjurados mineiros pela América inglesa, mas pouco se sabia daquela terra. Nada ou quase nada vinha de lá. Raros leriam o inglês. Com razão escreveu Martim Francisco, na obra citada, p. 210:

"Imerece debate, bastando-lhe ligeiro reparo, a imaginária influência da revolução norte-americana na tentativa de 1789. Dos quase três milhões de habitantes da colônia, cem talvez não entretivessem relações com a língua inglesa."

A propagação do espírito revolucionário, que no último terço do século XVIII redundaria na maior luta de idéias dos tempos modernos, se fez da Inglaterra para a França e desta para os países satélites do pensamento francês, chegando por seu intermédio a toda a América. O pensamento francês influi na revolução da América inglesa. Por sua vez, esta influi decisivamente no desfecho da revolução francesa. Só depois disto é que os Estados Unidos suscitam a curiosidade dos Brasileiros, como repercussão longínqua e indireta do enorme interesse que havia na França pela terra de Franklin e Washington, a qual aparecia aos olhos de muitos europeus como uma força desconhecida e admirada.

Tudo vinha da França ou por via francesa. A hora da América era-nos dada pelo meridiano de Paris. Leia-se o trabalho do Sr. Pedro Calmon *A influência francesa na Conjuração mineira* (separata da "Revista do Instituto Histórico"). José Joaquim da Maia, o estudante de Montpellier, conhece Jefferson como embaixador na França e é em francês que lhe escreve as cartas firmadas com o pseudônimo de Vendek. Era em francês e intitulava-se *Recueil des lois constitutives des Etats-Unis de l'Amérique* o exemplar das leis americanas que figurou como peça acusatória apensa ao processo de inconfidência. O doutor José Pereira, de Mariana, segundo o depoimento de Domingos Vidal de Barbosa, tinha essas leis e também a *Histoire philosophique et politique* de Raynal, segundo declarou uma testemunha do processo. O *Tiradentes* pedia a uns e outros que lhe

traduzissem capítulos das ditas leis em francês, e para isso andava às voltas com um dicionário desse idioma, que depois vendeu a um padre, dono de uma botica na Ponte do Rosário, em Ouro Preto. Enfim, não o esqueçamos, a própria *Gazeta de Lisboa* [19], geralmente lida no Brasil, ocupava-se não raras vezes com as notícias da emancipação dos Estados Unidos da América do Norte.

19) Ver Joaquim Norberto de Sousa Silva, obra citada, p. 38, nota.

APAIXONADO CULTOR DA HISTÓRIA

O Cônego Luís Vieira aplicava-se realmente aos estudos históricos. Pode-se mesmo admitir que era um "cultor apaixonado da História", como diz Lúcio José dos Santos em *A Inconfidência Mineira.* As obras desse gênero que figuravam na sua livraria bastam para atestá-lo. A estas aludiremos agora. Primeiramente, registe-se o *Nouveau Dictionnaire historique,* em seis volumes, sem indicação de autoria na relação de seqüestro, e que tanto podia ser o de Feller, como o de Chaudon ou ainda o de Moreri. Representando os antigos, lá se encontravam César e Suetônio. De Dénys Petau *(Petavius),* sábio jesuíta do século XVII, especialista em cronologia religiosa, a quem as ciências históricas ficaram a dever grandes serviços, existiam os dois volumes de *Rationarium temporum.*

Em francês era a maior parte: uma *Histoire générale* em cinco volumes (talvez a tradução francesa da de Políbio), um *Abrégé de l'histoire grecque,* os quatro volumes da *Histoire universelle* por Turpin, os três do *Tableau d'histoire moderne* por Metreagan, um volume desirmanado de uma *Histoire moderne* sem declaração de autor, os quatro tomos da *Histoire de l'Amérique Septentrionelle* por La Potière, os dois das *Tablettes chronologiques de l'histoire universelle sacrée et profane* por Lenglet-Dufresnoy, e um tomo, truncado, de *L'Histoire des réligions.* De Hugo, historiador loreno, oito volumes de suas obras, talvez completas. De Bossuet, duas obras: *Discours sur l'histoire universelle* e *Histoire des variations des églises protestantes.* De outros autores franceses, a *Histoire des découvertes et des conquêtes des Portugais dans le Nouveau Monde,* dois volumes, pelo jesuíta Joseph-François Lafitau, a quem se atribui a fundação, no século XVIII, com a sua obra *Mœurs, costumes et réligions des sauvages américains,* de uma das ciências de maior atualidade, a etnologia, cujas bases foram lançadas dois séculos antes pelo frade espanhol Bernardino de Sahagún; a *Histoire générale de Portugal* por N. de la

Clede, em dois volumes, apreciada em seu tempo, hoje, sem valor algum; um volume desemparelhado da *Histoire du Prince Eugène de Savoie* por Mauvillon; a *Histoire de Théodose le Grand;* e as *Mémoires sur les règnes de Louis XIII et Louis XIV,* três volumes, pelo Conde Loménie de Brienne.

Em italiano, uma *Istoria del Regno di Luigi XIV,* em quatro tomos, sem autor declarado na relação que estamos exumando e identificando, e a *Istoria civile del Regno di Napoli,* do erudito historiador napolitano Pietro Gianonne, a primeira obra de seu gênero disposta metodicamente e que, em razão dos violentos ataques que articulava contra o poder temporal dos papas, motivou a excomunhão, a perseguição e por fim a prisão do autor, eclesiástico revoltado ante os abusos e erros da Igreja, o qual morreu no calabouço, depois de se haver retratado. Dela extraiu um ministro protestante francês ou suíço as passagens mais audazes, que apareceram sob o título *Anecdotes ecclésiastiques.*

Voltaire foi o guia, o inspirador e o mestre dos três grandes historiadores ingleses seus contemporâneos: Hume, Robertson e Gibbon. Só este último não se achava na livraria do Cônego. De Hume encontravam-se, trasladadas ao francês, a *Histoire de la Maison d'Autriche,* em seis tomos e a *Histoire de la Maison des Tudor,* também em seis. De Robertson, igualmente em francês, a *Histoire d'Ecosse,* em três tomos, a *Histoire du Règne de l'Empereur Charles-Quint,* em seis, e a *Histoire de l'Amérique, em quatro.* Esta última detém-se na conquista do México e do Peru pelos Espanhóis e por isso poderia denominar-se mais propriamente *História da conquista e colonização da América,* sendo de certo modo a primeira em seu gênero. Seu aparecimento despertou vivíssimo interesse na Península Ibérica. Durante anos, Robertson recolhera notícias e documentos acerca da magna empresa realizada pelos Espanhóis, e com tal propósito enviara questionários a todas as pessoas que na Europa e em especial na Espanha poderiam ministrar-lhe dados presumidamente exatos e ilustrativos. Esses dados, no entanto, eram em grande parte inexatos e erroneamente informativos. A obra pareceu aos Ingleses pouco rigorosa na condenação das crueldades que se assacavam aos conquistadores espanhóis, na Espanha julgou-se exagerada e injusta a exposição que nela se fazia das violências cometidas na conquista do

México e do Peru. No ano seguinte ao seu aparecimento na Inglaterra, começou a publicar-se em cadernos na Península uma tradução castelhana, que, antes de sair a lume, teve a sua circulação proibida pelo ministro dos negócios americanos *(ministro de Índias).* A obra desagradara à corte espanhola, tanto assim que esta, no ano seguinte, encarregou o cosmógrafo don Juan Bautista Muñoz de compor uma *Historia del Nuevo Mundo,* na qual se punham em realce os esforços verdadeiramente gigantescos dos Espanhóis para descobrir e conquistar o continente americano, e colonizá-lo em seguida, elevando suas tribos indígenas até um grau próximo da civilização européia.

Sobre a história da Igreja anotamos em primeiro lugar, pela sua extensão, a de Bonaventure Racine, *Abrégé de l'histoire ecclésiastique,* em treze volumes. Logo, a obra capital do Padre Fleury, *Discours sur l'histoire ecclésiastique,* a melhor história da Igreja que jamais se fez, na opinião de Voltaire, magno reitor das letras naquele tempo, mas posta no Index por estar contaminada de galicanismo. Do Padre Fleury havia ainda as obras intituladas *Mœurs des Israélites e Mœurs des Chrétiens,* obras então clássicas, sendo a primeira um quadro da vida dos patriarcas e mais personagens do Velho Testamento e um resumo da história dos Judeus, desde Moisés a Jesus Cristo. Anote-se mais o *Discurso sobre a história eclesiástica,* em três tomos, por Carlos Mendes Barreto, e a *História eclesiástica,* também em três, pelo teólogo italiano J. L. Berti, guarda da biblioteca Angélica e autor de numerosas obras, entre as quais *De theologicis disciplinis* (também existente na livraria do Cônego), que suscitou numerosas controvérsias.

Na cauda deste grupo podem incluir-se, por se relacionarem de algum modo com a história geral da Igreja: *De statu præsenti Ecclesiæ,* pelo teólogo católico Hontheim *(Justinius Febronius),* obra que causou ruído na época por atacar a igreja de Roma sob o pretexto de defender as particulares; *Opera,* um volume, de Melchor Cano, grande teólogo dominicano, conselheiro de Felipe II nas questões políticas que, à margem da orientação da Contra-Reforma, então se discutiam entre Sua Majestade Católica e a Santa Sé; o famoso tratado *De Concordia sacerdotii et imperii,* redigido pelo sábio prelado Pierre de Marca para refutar o livro do oratoriano Ch. Hersent,

Optati Galli de cavendo schismate, censurado por dezesseis bispos, condenado pelo parlamento de Paris e queimado pelas mãos do carrasco; *Lettres du Pape Clément XIV,* quatro tomos, sem dúvida as publicadas por Caraccioli em Paris, 1775, sem qualquer autenticidade, pois a verdadeira correspondência do Pontífice que suprimiu a Ordem dos Jesuítas só apareceu em 1837, publicada por Reumont; a *Disciplina Ecclesiae,* em três volumes, do douto oratoriano L. Thomassin, obra que o reabilitou perante uma parte do clero, pois em suas obras anteriores havia-se censurado o intento de conciliar molinistas e jansenistas; *Confrontação da doutrina da Igreja com a doutrina dos Jesuítas; Concilium Tridentinum* de Galemart; o *Dictionnaire historique des cultes réligieux,* em cinco tomos, e o *Dictionnaire historique des hérésies,* em dois.

Enfim, os cronistas historiadores portugueses: Barros e Diogo do Couto, quinze volumes das *Décadas;* o arqueólogo Lúcio André de Rezende, "armazém de todos os tesouros do passado", com *De Antiquitatibus Lusitanae;* Cristóvão Alão de Morais, com os oito volumes da *Genealogia das Famílias de Portugal;* D. Antônio Caetano de Sousa, com as *Memórias históricas e Genealógicas dos Grandes de Portugal;* o Padre Antônio Pereira de Figueiredo, com o *Compêndio das Épocas e Sucessos da História geral,* e Pedro de Sousa Castelo Branco, com cinco tomos dos *Elementos da História,* obra que não é outra senão a que vem assim descrita no *Dicionário Bibliográfico* de Inocêncio: *"Elementos da história, ou o que é necessário saber-se da cronologia, da geografia, do brazão, da história universal, da igreja do testamento velho, das monarquias antigas, da igreja do testamento novo, e das monarquias novas, antes de ler a história particular: pelo abade de Vallemont. Traduzida da língua francesa na portuguesa, e acrescentada com algumas notícias de Portugal.* Lisboa, na Ofic. de Miguel Rodrigues, 1734 a 1751. 4.º, 5 tomos com estampas."

FILHO DA ILUSTRAÇÃO

Referindo-se ao atraso intelectual dos Brasileiros em fins do século XVIII e princípios do seguinte, disse o historiador Armitage que "a ciência política era desconhecida pela quase totalidade dos habitantes do Brasil", e logo a seguir escreveu: "As histórias de Grécia e Roma, o *Contrato social* de Rousseau e alguns volumes dos escritos de Voltaire e do abade Raynal, que haviam escapado à vigilância das autoridades, formavam as únicas fontes de instrução." O primeiro desses argumentos é inconsistente e não se aplica particularmente ao Brasil. A ciência política, em qualquer parte, sempre foi privilégio de poucos, e também o era de uma minoria no Brasil daquele tempo. O outro argumento não vale mais. Lia-se Rousseau, Voltaire, Raynal... E o inglês Armitage ainda achava pouco! Que mais queria ele que se lesse? Rousseau, um dos raros filósofos democratas de seu tempo, influiu nas idéias de Jefferson e Adams. O *Contrato social* chegou a ser a Bíblia dos homens do Terror e desencadeou mais tormentas e catástrofes sobre a Europa e todo o mundo civilizado que as mais apaixonantes místicas a serviço dos apetites e do instinto agressivo do homem. Pois esse livrinho andava de mão em mão no Brasil, como em toda a América. Voltaire fora o botafogo número um, o incendiário principal de uma época que o absolutismo dos governantes, a corrupção dos aristocratas, a depravação do clero e a licença geral dos costumes já haviam carcomido. Enfim, Raynal era o autor da *Histoire philosophique et politique des Etablissements et du Commerce des Européens dans les deux Indes*, um dos livros mais divulgados em fins do século XVIII e o que alcançou mais retumbante êxito, especialmente na América. Leu-se muito esse livro, que verberava as crueldades dos colonizadores católicos nas duas Índias e apresentava originalmente a história, não como uma sucessão de batalhas e reinados, mas como determinada pelas preocupações econômicas dominantes nas nações. Raynal, diziam os que

não o apreciavam, não passava de um parlapatão, que usurpava como tantos outros escritores o título de *filósofo*, e o que havia de melhor na sua obra era compilado de Diderot; mas o fato é que aquele livro gozava na época duma reputação enorme e foi arma das mais eficazes para a propagação das idéias revolucionárias.

Em verdade, não foram Rousseau, Voltaire e Raynal os únicos lidos no Brasil. Ouro Preto, Rio de Janeiro, Bahia e Pernambuco eram centros intelectuais onde havia pessoas que se inteiravam do movimento das idéias européias. Dos últimos anos do século XVIII às duas primeiras décadas do seguinte, uma minoria de homens instruídos (e estes são sempre em toda a parte uma minoria) deu, além daqueles e de outros autores, Mably, Montesquieu, Burlamaqui, Vattel, Morelly, Turgot, Brissot, Volney...

No espólio da livraria seqüestrada a Manuel Inácio da Silva Alvarenga, preso por ordem do Conde de Resende sob a acusação de jacobino, inimigo da religião e do governo monárquico, encontravam-se obras comprometedoras, como a citada história de Raynal e os *Direitos do cidadão* de Mably. Foi talvez o que mais concorreu para a condenação do poeta, a quem o desembargador chanceler Antônio Denis da Cruz e Silva (de triste lembrança no processo da Conjuração de Minas) denominou por isso "um energúmeno infernal", cúmplice daqueles autores, porquanto lia e dava a ler essas doutrinas subversivas a seus discípulos na aula de retórica e poética, que mantinha no Rio de Janeiro.[20]

Percorra-se, como vimos fazendo, a relação dos livros seqüestrados ao Cônego Luís Vieira da Silva no processo de inconfidência. Veja-se como entre eles se achavam bem representadas a ciência política e a filosofia social da época. Lá estava Montesquieu, com as suas duas obras capitais, *L'esprit des Lois* (talvez a obra mais importante do século XVIII) e *Grandeur et décadence des Romains*. Lá estava outra obra também muito lida na época, *Institutions politiques*, em dois tomos, escrita em francês pelo alemão Bielfeld, amigo do grande Frederico. E *La Science du gouvernement*, em oito volumes, de Réal, e as *Mémoires pour servir à l'histoire des égarements de l'esprit humain* (Paris, 1762, 2 vols.), mais conhecidas sob o nome de

20) *Obras poéticas de Manoel Ignacio da Silva Alvarenga (Alcino Palmireno)*. Collegidas... por J. Norberto de Souza S., Rio de Janeiro, 1864, I, 59-60.

Dictionnaire des hérésies, por E. A. A. Pluquet, Guyot, Perrodil e outros, obra traduzida muito posteriormente em Portugal por Antônio Gomes Pereira com o título de *Diccionario das heresias, erros e scismas* ou *Memorias para servirem à história dos desvarios do entendimento humano acerca da religião christã* (Porto, 1867). Chama particularmente a atenção a presença da *Enciclopédia* de Diderot e d'Alembert, máquina de guerra a serviço do espírito crítico e da incredulidade, movida por livres-pensadores que almejavam subverter os fundamentos políticos e religiosos da sociedade. Não é de espantar que se achassem alguns volumes dessa obra ímpia entre os livros do Cônego, junto aos doutores da Igreja e outros autores repousantes. O filosofismo contaminara o clero, e não só o alto clero bem acomodado na vida ou os abades mundanos e peraltas, mas até os padres sérios, pacatos e moderados e também os jovens seminaristas. Muitos eram deístas, epicuristas, ou simplesmente *espíritos fortes* ou *libertinos*, como então se chamavam os livres-pensadores. As idéias dos enciclopedistas conquistavam toda a gente. O Padre Laire, um dos que na França fizeram primeiro um curso de bibliografia, tinha a coragem — como eclesiástico que era — de incluir "mesmo a *Enciclopédia*" no mínimo dos livros necessários.

As autoridades civis e eclesiásticas proibiam conforme podiam os *livros perniciosos*. Mas os homens responsáveis eram os primeiros a dar o *mau exemplo*, tanto na Europa como na América. Ao inventariar-se a biblioteca do Bispo Azamor, falecido em Buenos Aires em 1796 (refere o escritor argentino Ricardo Rojas), o comissário do Santo Ofício encontrou tantos livros proibidos — obras de Bayle, Rousseau, Raynal, Robertson, etc. — que do fato deu conhecimento ao vice-rei [21].

As idéias do século, que chegaram ao Brasil e aqui influíram em alguns espíritos progressistas, não vinham todas diretamente da França e nem tinham ali a sua origem única. Em quase todos os casos, haviam transitado antes pela Metrópole, onde sofriam atenuações ou deformações em sua estrutura e forma de atuar, impostas pelo ambiente cultural peninsular, aferrado à Religião, à idéia nacional e ao princípio da monarquia absoluta. E assim, mitigadas, chegavam até cá.

21) Ricardo Rojas, *Historia de la literatura argentina*, Buenos Aires, 1913, II. p. 21. Cit. por Ricardo Levene, obra já mencionada, p. 137.

Em seu livro *Um "Iluminista" português do século XVIII: Luís Antônio Verney*, o professor L. Cabral de Moncada [22] distingue dois movimentos *iluministas* setecentistas, francês um e italiano o outro. O italiano, principalmente, teria influído no quadro das novas idéias em Portugal. Nascido na Inglaterra, em princípios de Setecentos, o movimento cultural chamado das Luzes, Ilustração, Iluminismo racionalista ou, como dizem os Alemães, o *Aufklarung*, propagou-se aos países mais adiantados na emancipação do pensamento moderno e só por fim se estendeu aos de forte tradição católica, teocrática, como Itália, Espanha e Portugal. A Ilustração, nestes países, não era revolucionária nem irreligiosa, como a francesa, porém, como também esta, reformista e pedagógica, fundada na crença mística de que a felicidade dos povos só podia encontrar-se no saber, no progresso intelectual, no desenvolvimento das ciências e nos ditames da lógica e da razão. Os doutrinadores ilustrados sonhavam com reformas capazes de nivelar as *atrasadas* nações católicas com as mais adiantadas da Europa. Em Espanha, o mais sério campeão do reformismo neste sentido — sem prejuízo da sua perfeita ortodoxia católica — foi o padre beneditino Benito Feijoo. Em Portugal, entre outros, Luís Antônio Verney tomou a pena para iluminar uma Nação; textualmente, *"prese la penna per illuminare una Nazione"*, como disse em uma de suas curiosas cartas escritas da Itália, citada no mencionado livro de L. Cabral de Moncada. Educado na Congregação do Oratório, Verney tornou-se inimigo da Companhia de Jesus, geralmente acusada então de obscurantista. No ódio que tinha aos Jesuítas nada ficou a dever ao Marquês de Pombal, de quem foi aliás "o mais fecundo oráculo", segundo deixou dito Camilo Castelo Branco. Era contrário ao predomínio político da Igreja, sem ser entretanto hostil ao Cristianismo. Esta opinião é confirmada pelo citado escritor, na obra que consagrou ao pensador setecentista português, a propósito de cartas e documentos deste, recentemente descobertos.

No clero português, como no brasileiro, havia muitos anti-jesuítas, progressistas, mações [23]. Luís Vieira da Silva, pode-se afirmá-lo sem muita afoiteza, era um filho da Ilustração, como todos ou quase todos os inconfidentes mineiros e como tantos outros brasilei-

22) São Paulo, 1941.

23) "Tiradentes e quase todos os conjurados eram mações" (Lúcio José dos Santos, *A Inconfidência Mineira*, p. 90).

ros esclarecidos e descontentes, em fins do século XVIII e princípios do seguinte. E o ilustrado Vieira, como não era para menos, conhecia o pensamento social e político e a ação pedagógica do iluminista racionalista Luís Antônio Verney, deflagrador do movimento de renovação mental em Portugal de seu tempo, o qual teve seus principais cooperadores em Ribeiro Sanches, Alexandre de Gusmão e Francisco Xavier de Oliveira. As *Obras*, em seis volumes, do arcediago da Sé de Évora, e mais a sua *Lógica*, em um, lá estavam na estante do cônego da Sé de Mariana. Claro que tais obras não poderiam faltar na sua estante, como não faltaram nas de outros estudiosos, no Brasil daquele tempo.

Era um *afrancesado?* Pode-se admiti-lo. As idéias francesas contagiavam alguns brasileiros seletos daquele tempo. Constituíam, é claro, uma reduzida minoria, mas pode-se admitir, como se tem admitido, que tais idéias influíram no pensamento autonomista dos conjurados mineiros, junto com razões mais fortes, de ordem econômica e afetiva, como o grande receio da *derrama*, o sentimento nativista e a hostilidade ao português [24].

O Cônego teria melhores motivos para sonhar com a independência do país. Não que acreditasse na possibilidade de sua realização por ocasião da conjura. Pensar então num levante parecia-lhe *refinada loucura*, como declarou na inquirição. Mas, mudadas as circunstâncias, dar-se-ia provavelmente aqui o que se passara na América inglesa.

24) Ver Caio Prado Júnior, *Formação do Brasil Contemporâneo (Colônia)*, São Paulo, 1942, p. 364-367.

FIM DO ESCRUTÍNIO

Que sabemos do Cônego inconfidente? Quase nada. Diga-se entretanto, sem temor de errar, que a melhor notícia biográfica que dele nos ficou acha-se na relação dos livros que lhe foram seqüestrados. Aplicam-se justamente ao caso as palavras do escritor e bibliófilo Jules Janin: *"Bon nombre d'honnêtes gens n'ont pas laissé d'autre oraison funèbre que le catalogue de leur bibliothèque."* Pelos livros que tinha em casa pode-se imaginar que era um *espírito forte*, o que não impede admitir que fosse um sacerdote exato e de firme crença católica. A confusão de idéias é geral mesmo naqueles que procuram tê-las muito claras e sólidas. Raro é que alguém saiba verdadeiramente no que crê. E isto era verdade sobretudo para os agitadores de idéias do século do racionalismo. Do mais prestigioso deles, Voltaire, já foi dito que "era um caos de idéias claras". Assim costumam ser esses homens, quando não são caos de idéias escuras. Mas as antíteses forçosas entre as teses de um católico e as de um enciclopedista resolviam-se numa síntese que as aproximava: o conceito do homem, considerado antes de nada como um indivíduo que pensa, como um espírito, conceito surgido ou revigorado no século XVIII, era na realidade cristão, e muito mais profundamente.

Homem de seu século, eis o que foi sem dúvida o Cônego Vieira da Silva. E o século XVIII não era destrutivo nem anti-religioso. Almejava, sim, um mundo melhor, livre, tolerante, mais atento às realidades físicas que às abstrações metafísicas.

Na cabeça do Cônego, como na de tantos outros bons católicos, fundir-se-iam numa síntese feliz as verdades da fé ou do coração com as verdades da razão e da ciência. Ou mais provavelmente achavam-se ali em compartimentos estanques: de um lado os princípios dogmáticos da Igreja e de outro as doutrinas heréticas dos pensadores e publicistas por ela condenados. E assim, tanto lia Voltaire, de quem se achou um tomo truncado de suas obras, como lia o

seu contendor principal, o jesuíta Nonotte *(Les Erreurs de Voltaire: erreurs historiques et erreurs dogmatiques, dois tomos).* Lia livros de teologia e apologética católica e lia obras pouco simpáticas ou mesmo hostis à Igreja romana. Leu o abade Mably, comunista de salão filosófico, repudiador da propriedade privada e construtor político à maneira platônica. Desse utopista muitíssimo lido em seu tempo encontraram-se entre os livros confiscados: *Droit public de l'Europe,* obra proibida na França; *De l'Etude de l'histoire* e *Observations sur le gouvernement et les lois des Etats-Unis d'Amérique.* (Dois destes eram do desembargador intendente Pires Bandeira, que os reclamou).

À inquietude política dos filósofos de Setecentos juntava-se a preocupação pelo direito natural ou das gentes. Tomás Antônio Gonzaga, sob a influência do tempo, escreveu um *Tratado de Direito Natural,* dedicado ao Marquês de Pombal, de cujo "despotismo ilustrado", grato a muitos espíritos esclarecidos do século XVIII, era então adepto o poeta [25]. Seu amigo o Cônego Luís Vieira interessava-se visivelmente pelos tratadistas do assunto. Entre estes figurava o publicista e jurisconsulto genebrino Burlamaqui, de quem possuía a obra mais considerável, os *Elementos de direito natural.* Junto desta e da citada de Mably *(Droit public),* tinha outras, todas excelentes, de autores não só de Direito natural e das gentes ou de Direito Público, como de Direito Civil e de Direito Canônico e Eclesiástico. Nomeadamente: *Lois civiles dans leur ordre naturel* de Jean Domat, grande jurisconsulto do século XVII e obra essa considerada um dos maiores monumentos do Direito e da Filosofia; obras em latim do velho jurisconsulto italiano Farinacci (dito *Farinacius),* que fez autoridade durante quase dois séculos; *De Principiis juris naturœ et gentium* de Pinetti, dois tomos; *Institutiones juris publici* de Schwarz; *Droit des gens ou principe de la loi naturelle,* de Vattel; dez volumes da obra em latim de Heineck *(Heineccius),* jurisconsulto alemão, autor de notáveis trabalhos de Filosofia, Direito e Beletrística; *Institutiones juris publici universalis* de Ignacio Escobar; *De Jure civile* de Vinnen *(Vinnius); De Jure Lusitano* de Leitão; alguns tomos das Ordenações do Reino, um *Vocabularium utriusque juris* de Scot, etc.

25) Ver *Marília de Dirceu e mais poesias* de Tomás Antônio Gonzaga, com Prefácio e notas do Prof. M. Rodrigues Lapa, Lisboa, 1937, pp. XXVIII-XXIX.

Na relação que temos examinado lê-se esta indicação: "Gravinœ Opera, 2 volumes em quarto". Não é preciso quebrar muito a cabeça para descobrir-se aí a obra jurídica de Giovan Vincenzo Gravina, famoso jurisconsulto e escritor italiano e o mais prestigioso crítico de seu tempo. Gravina escreveu uma Poética muito celebrada, *Ragion poetica,* e foi um dos fundadores, em Roma, da Academia dos Árcades. Antes de outros, reconheceu o gênio de Metastásio (o poeta mais querido dos árcades de Vila Rica) e tornou-se o seu protetor. Entre as obras de Direito que publicou, causou sensação a intitulada *De ortu et progressu juris civilis,* que influiu em Montesquieu. Na sua cátedra de Direito Civil, à face do Papado, traçou as bases do que a seu entender deveriam ser os limites da autoridade do chefe da Igreja em relação com a dos diversos soberanos da Europa.

Junto de tanta obra de Direito Civil, não eram menos numerosas as de Direito Canônico, em latim, por Bœhmer, Doujat, González, Gratien, Aulisio, Brunemanus, Berard, Pichler, Halle, Becani, Gibert, Schmalzgrueber, Reifenstruel e outros.

Dignas de registro são também as obras *Concilium Tridentinum,* de Galemart (em duplicata), sobre o importantíssimo Concílio de Trento; *Analyse des Conciles,* cinco vols.; o *Catéchisme de Montpellier,* e a célebre *Biblia de Vatable,* que contém, além do hebreu, a versão da Vulgata e a de Leão de Judá.

Iríamos longe se nos quiséssemos deter no exame minucioso da livraria do antigo lente de Filosofia da cidade de Mariana. O que esmiuçamos até aqui é o bastante para saber-se o que lia — e como lia bem! — um brasileiro ilustrado de fins de Setecentos, o mais ilustrado brasileiro do seu tempo, na opinião citada de Alberto Faria.

Homem "instruído e noticioso", como a ele se referiu uma testemunha da inquirição-devassa, o cônego da Sé marianense era bem o tipo do leitor *à la page,* e leitor surpreendente, pois que, mesmo no interior da mal povoada Capitania das Minas — atentemos bem nisto — e apesar do estado de pobreza em que vivia, soube encontrar

alimento abundante e variado para o seu apetite livresco, a sua fome de saber. Esse letrado filho das Gerais tinha talvez no coração a máxima que um escritor seu conhecido, o historiador Robertson, *punha em todos os seus cadernos:*

"Vita sine litteris mors est." [26]

26) *Vita sine literis mors est.* Sentença usada em *ex-libris* e marcas de impressores e livreiros. Variante do primeiro inciso da máxima de Sêneca: *Otium sine litteris mors est et hominis sepultura.* (Epístola 82, 3).

APÊNDICE

TRASLADO DO AUTO DE SEQÜESTRO FEITO NOS BENS QUE SE ACHARAM EM CASA DO CÔNEGO LUÍS VIEIRA DA SILVA

(Dos "Autos de Devassa da Inconfidência Mineira", publicados pela Biblioteca Nacional, Rio de Janeiro, 1936, Vol. V, ps. 277-291. Confronte-se este traslado com a avaliação dos livros seqüestrados, em o Vol. I, ps. 445-465, dos "Autos de Devassa").

Anno do Nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de mil setecentos e oitenta e nove aos vinte, e dois dias do mez de Junho da mesma era nesta Leal Cidade Marianna em Casas onde Residia o Reverendo Conego Luis Vieira da Silva de presente em Villa Rica onde foi vindo o Doutor Antonio Ramos da Silva Nogueira Juiz de Fóra por Sua Magestade nesta mesma Cidade em virtude da Portaria do Excellentissimo Visconde de Barbacena Governador e Capitão General desta Capitania para effeito de dar busca aos papeis do mesmo Conego, e fazer Sequestro nos seus bens, e sendo ahi nas mesmas Casas por elle Ministro em presença do Sargento Mor José da Silva Lobo fez o dito Ministro apprehensão nos papeis, e Cartas que se acharam nas referidas Casas, e dos mesmos fez entrega ao dito Sargento Mor que os recebeu fechados, e lacrados com sobrescripto ao dito Illustríssimo e Excellentissimo Senhor General na fórma da mesma Portaria, e logo em presença do mesmo Ministro foi mandado proceder a Sequestro dito Reverendo Conego que são os que ao diante se seguem do que para constar fiz este auto em que assignou o dito Ministro, e eu José Luis França Lyra Escrivão das Execuções Civeis que o escrevi — Silva Nogueira — E logo pelo Alcaide da mesma Cidade Manoel da Costa Vilaça se fez sequestro nos bens seguintes — Doze Cadeiras de Campana com assentos de sola lavrada de jacarandá vermelho — Uma Poltrona de jacarandá preto com pés de burro, e assento de sola — Doze tamboretes torneados cobertos de couro crú — um baú de Moscovia com suas fechaduras — um preguiceiro — quatro mesas, duas lisas, e duas torneadas — uma Caixa de frasqueira com cinco frascos vasios — uma frasqueira pequena com oito frascos de crystal branco — seis laminas de vidro com molduras — doze mappas com guarnições de jacarandá preto torneado — mais um dito Mappa — duas bocetas para tabaco de Retrato, e uma já quebrada — Cinco colheres de prata com o peso de noventa e oito oitavas — um enxergão de linhagem — um Leito — uma bengala com seu castão de prata — um talher com dois vidros e o mais aparelho que parece ser de prata — um assucareiro de Casquinha com seu vidro azul — um bule

da mesma Casquinha, e uma Cafeteira da mesma — um Reposteiro de panno azul grosso e usado — sete covados, e meio de druguete cor de pulga novo — tres batinas, e uma Capa de Clerigo tudo com uso — tres mursas, uma de veludo, outra de gala, e a outra com pontas — uma Capa Magna preta — um par de pistolas curtas em bom uso — um jarro e bacia de agua ás mãos de estanho — um barrete — um Solidéu — tres chocolateiras de Cobre com o peso de oito Libras, e meia com uso — um coco de Cobre, e uma espumadeira do mesmo cobre — uma bacia de arame de pé de Catre — dois Candieiros, um de latão, e outro de estanho com seu uso — um tacho de Cobre com o peso de quatro libras e meia — uma bacia de barba de charão e dois Castiçais do mesmo charão, e caixa pequena para o sabonete já quebrada — um par de estribeiras de páu com sua ferragem de Latão amarello — uma sella velha usada — uma pelle de onça em bom estado — uma armação de Chapéu de sol pequeno — uma Cafeteira de Cobre com seu uso — sete garrafas de vidro branco em que entram as redomas — seis copos de calice de vidro branco — cinco copos pequenos de vidro branco, e dois ditos de vidro azul — quatro ditos, maiores, de vidro branco — duas tigelas de Louça da India — uma terrina de louça grossa do Porto — quatro tigelas de Louça de Macáu — treze pratos de Louça da India de guardanapo finos — dois pratos grandes de Louça grossa do Porto, e dois ditos de cantos de guardanapos — um bule de Louça da India com sete chicaras finas — tres tigelas de Louça grossa pequenas — um talher com quatro vidros — seis pires de louça da India — oito pratos de guardanapo de louça do Porto — um moinho de moer café de mão e tres bandejas de cobre acharoadas, uma maior, e duas mais pequenas de vidro preto — duas Colheres de prata com o peso de trinta e nove oitavas — duas facas, e dois garfos de ferro — dois candieiros de folha de Flandres — uma trempe de ferro com tres fogos — dois barris para água com arcos de ferro — um barril para azeite de mamona — um bule de louça da terra amarella — uma caixa de frasqueira velha — uma bacia mais de arame amarello — quatro facas de ferro com cabos de chifre — uma escrivaninha de estanho com o seu prato do mesmo — um Castiçal de palmatoria, e uma Campainha pequena de bronze — Thesouro Magno oito volumes — Lois Civiles um volume in-folio — Diccionario da lingua portugueza, e franceza um volume in-folio — Gonzales Decretalium cinco volumes in-folio — Gonzales Commentario ad regulam octavum Cancellariæ um volume — Corpus Juris Canonici por Gibert tres volumes in-folio — Jus canonicum por Pichler um volume — Commentaria ad Constituciones Apostolica por Petra cinco volumes in-folio — Sacræ Rotæ Romanæ Decisiones por Gonzáles um volume in-folio — Diccionario Portuguez e Latino um volume — Julii Cesarii Opera ad usum Delfini um volume em quarto — La Science du Governement par M. De Réal oito volumes em quarto — Corpus Juris Canonici Boemeri dois volumes em quarto — Brasilia Pontificia per Simonem Marques um volume in-folio — Nogueira Expositio Bullæ Crutiatæ Luzitanæ concessæ um volume in-folio — Compendio geral da Historia da Ordem Terceira de São Francisco um volume in-folio — Mundus Espectabilis Philosophii Consideratus Auctore Joseph Falk um volume in-folio — Jus Canonicum Universum Auctores Anacleto Reifenstruel tres volumes — Dito Theologia Moralis um volume in-folio — Thesaurus Sacrorum Rituum Auctore Bartholomeo Gavanti dois volumes in-folio — Felicis Potestatis Exame Ecclesiastico um volume in-folio — Thomasini Disciplina Ecclesiæ tres

volumes in-folio — Berti Historia Ecclesiastica dois volumes in-folio — Theatrum Terræ Sanctæ, et Biblicarum Historiorum Auctores Christiano Adricomio Delfo um volume in-folio — Calepinus dois volumes in-folio — Finetti De Principiis Juris Naturæ, et Gentium dois volumes em quarto — Bernardo in Canones quatro volumes in-folio — Dito in Canone / digo / Dito in Jus Ecclesiasticum dois volumes em quarto — Museum Italicum dois volumes em quarto — Institutiones Juris Publici universalis Auctores Ignacio Escovar dois volumes em quarto — De Marca De Concordia Sacerdotii, et Imperii cinco volumes em quarto — Gravinæ Opera dois volumes em quarto — Doujat Prænotiones Canonicæ um volume — Bossuet De potestate Ecclesiastica dois volumes em quarto — Diccionario Italiano, e Francez um volume — Phisicæ elementa Auctore S. Gravesand dois volumes — Wolfii Elementa Matheseos Universæ cinco volumes — em quarto — Philosophia mentis per Brixiam oito volumes em quarto — Manilli Astronomicon ad usum Delphini um volume em quarto — Quintus Curtius um volume em oitavo — Etudes de La Nature par M. Saint Pierre tres volumes em oitavo — Seneca Opera Omnia um volume em oitavo — Virgilio um volume em oitavo — Le Nouveau Secretaire de La-Cour um volume em oitavo — Vocabulario utriusque Juris Scot um volume em oitavo — Doctrina Pandectarum um volume em oitavo — Pontificale Romano dois volumes em oitavo — Petavi Rationarium Temporum dois volumes em oitavo — Sanctii Minerva um volume em oitavo — Memoires de l'Histoire Naturelle um volume em oitavo — Elementos de Geometria pelo Padre Manoel de Campos um volume em oitavo — Dictionnaire Historique des Cultes Réligieux cinco volumes em oitavo — Dictionnaire de l'Histoire Naturelle par M. De Bomare seis volumes em oitavo — Geometria de Descartes dois volumes em oitavo — Verney Opera dois volumes em oitavo — Dito Logica um volume em oitavo — Zanesi Physica dois volumes em quarto — Musschenbroek Physica dois volumes em oitavo — Genuense Logica um volume em oitavo — Dito Metaphysica cinco volumes em oitavo — Elementa Matheseos Brixia um volume em oitavo — Dois Livros [em] Inglez em oitavo — Auzonio um volume em oitavo — Institutions de Medicine pratique Pinel dois volumes em oitavo — Traité des Maladies Vénériennes Fabri um volume em oitavo — Avis au peuple par M. Tissot sete volumes em oitavo — Exposition Anatomique de la structure [du Corps Humain] Winslow quatro volumes em oitavo — Œuvres de M. L'Abbé Condillac tres volumes em oitavo — Histoire des découvertes des Portugais par Lafitau quatro volumes em oitavo — Essais de Physique um tomo em oitavo — Manuel de l'Agriculture de La Salle um tomo em oitavo — Nouveau Dictionnaire Tome Premier dois tomos em oitavo — Nove Livros [em] Inglez em oitavo — Mélanges de Littérature Orientale Cordomi dois volumes em oitavo — Compendio das Epocas por Antonio Pereira um volume em oitavo — Novas Observações sôbre os differentes methodos de pregar, um volume em oitavo — Secretario Portuguez por Francisco José Freire um volume em oitavo — Le Père Avare tres volumes em oitavo — Nieuport Rituum Romanorum um volume em oitavo —Institutions Politiques Bielfeld quatro tomos em oitavo — Cicero De Officii um volume em oitavo — Elementos de direito natural por José Caetano de Mesquita dois volumes em oitavo — De l'Esprit des Lois seis volumes em oitavo entrando outro volume de obras do mesmo Autor — Encyclopédie dois tomos em oitavo — Mémoires du Conte de Brienne — Elements de Docimas-

tique quatro tomos em oitavo — L'Esprit de l'Encyclopédie cinco tomos em oitavo — Lettres du Pape Clement Quatorze quatro volumes em oitavo — Concilio Tridentino um volume em quarto — Dictionnaire Géographique um volume em oitavo — Gradus ad Parnasum um volume em oitavo — Jardim doloroso um volume em oitavo — Thesouro Carmelitano um volume em oitavo — Ulissea, ou Lisboa Edificada por Gabriel Pereira de Castro um volume em oitavo — Vocabulario das linguas Toscana, e Castelhana um volume em oitavo — Quintiliani Institutiones Oratoriarum dois volumes em oitavo — Dialogos sobre a Eloquencia um volume em oitavo — Grammatica Ingleza um volume em oitavo — Philosophia Peripatetica Auctore Antonium Mayr quatro volumes em oitavo — Historia Civile del Regno di Napole di Pietro Giannone quatro volumes em quarto — Ritual Romano um volume, em oitavo — Dictionnaire François, et Anglois par Royer dois volumes em quarto — Martirologium Romanum um volume em oitavo — Um livro de postilas de philosophia — Instrucção Liturgica pelo Padre Sarmento um volume em oitavo — Lisboa Edificada um volume em oitavo — Suetonio um volume em doze — Elementos da Arte Militar um volume em oitavo — Orbe Seraphico por Frei Antonio de Santa Maria Jaboatão um volume em oitavo — Diccionario Francez e Italiano por Venerone um volume em quarto — Memorias Historicas, e Genealogicas dos Grandes de Portugal por Dom Antonio Caetano de Souza um volume em quarto — Lusiadas de Camões um volume em quarto — Le Paradis Perdue de Milton um volume em oitavo — Elements de Metaphysique pelo Abbade de Para um volume em oitavo — Ordenações do Reino dois volumes in-folio — Treze livros Inglezes em oitavo — Maximas sobre a Arte Oratoria por Candido Lusitano um volume em oitavo — De Jure Lusitano Matheus Homem um volume — Manciones Festaque Hæbreorum Auctore Pedro Potto dois volumes in-folio — Observations sur le Gouvernement Des Etats Unis de l'Amérique par Mably um volume em oitavo — Secrets concernants les Arts et Métiers dois volumes em oitavo — Dictionnaire portatif des cas de conscience dois volumes em oitavo — Iter per mundum Cartesii um volume em oitavo — Summa Theologica Sancti Thomæ Aquinates tres volumes in-folio — Hugonis Opera oito volumes in-folio — De Ornatu, et Vestibus Aronis Auctore Didaco Del Castillo um volume in-folio — Menochii Commentaria Sacræ Scripturæ dois volumes in-folio — Theologia Speculatrix et Practiva Auctore Joanne Baptista Duhamel dois volumes em folio — Concordantia Sacrorum Bibliorum um volume em folio — Barradii Commentaria in Corcodia et Historiam Evangelicam quatro volumes em folio — Le Blanc Analisis in Psalmo seis volumes em folio — Figures de la Bible quatro volumes em folio — Sancti Bernardi Opera dois volumes em folio — Sancti Ambrosii Opera dois volumes em folio — Sancti Gregorii Magni quatro volumes em folio — Sancti Hieronimi Opera seis volumes em folio — Divi Augustini Opera onze volumes em quarto — Melchiores Cani Opera um volume em quarto — Bezombes Moralis Cristianæ dois volumes em quarto — Benedicti XIV Theologia Moralis um volume em quarto — Apparatus ad Theologiam et Jus Canonicum um volume em oitavo — Les Erreurs de Voltaire tres volumes em oitavo — Histoire des Variations des Eglises protestantes par Bossuet cinco volumes em oitavo — Histoire de L'Amérique Septentrionelle par de La-Potiere quatro volumes em oitavo — Abregé de L'Embriologie Sacré par Denovard, um volume em oitavo — Berti De Theologicis disciplinis cinco volumes em oitavo — Mémoires pour servir à l'histoire des égarements

de l'Esprit Humain dois volumes em oitavo — Institutiones theologiæ Moralis sete volumes em oitavo — Horacio Flacus um volume em oitavo — Académie des Jeux um volume em oitavo — Febronii De Statu Ecclesiæ um volume em quarto — Analyse des Conciles cinco volumes em quarto — Concilio Tridentino um volume em quarto — Conducta de Confessores dois volumes em oitavo — Discours sur L'Histoire de L'Eglise tres volumes em oitavo — Abregé de l'Histoire Ecclesiastique tres volumes em oitavo — Virgilio ad usum Delphini tres volumes em oitavo — Espirito do Christianismo um volume em oitavo — La Méssiade Poème um volume em oitavo — Histoire de Theodose le Grand um volume em oitavo — Discurso sobre a historia ecclesiastica por Carlos Mendes Barreto tres volumes em oitavo — Geographia moderna por La Croix dois volumes em oitavo — Mœurs Israelites, et des Chrétiens par Fleury um volume em oitavo — Voyages au tour du Monde par Robillon quatro volumes em oitavo — Dictionnaire Géographique um volume em oitavo — Nouveau Dictionnaire Historique seis volumes em oitavo — Elementos da Historia por Pedro de Souza de Castello Branco cinco volumes em oitavo — Tablettes Chronologiques par Lenglet dois volumes em oitavo — Histoire Moderne um volume em oitavo — Histoire Universelle par Turpin quatro volumes em oitavo — Abregé de L'Histoire Grecque um volume em oitavo — Discours sur l'Histoire Universelle par Bossuet dois volumes em oitavo — Tableau de l'Histoire Moderne par Metreagan tres volumes em oitavo — Histoire du Règne de l'Empereur Charles V seis volumes em oitavo — Histoire de l'Amérique par Robertson quatro volumes em oitavo — Histoire d'Ecosse par Robertson tres volumes em oitavo — Histoire de La Maison d'Otriche par M. Hume seis volumes em oitavo — Decadas de Barros quatorze volumes em oitavo — Cornelius Nepote um volume em oitavo — Les Nuits Clementines um volume em oitavo — De Antiquitatibus Lusitaniæ Auctores Resendio um volume em oitavo — Les Poésies d'Anacreont um volume em oitavo — Demosthenes Orationes um volume em oitavo — Sermones de Cambasseres tres volumes em oitavo — L'Art de Toucher le Cœur tres volumes em oitavo — Vossi Rhetorica um volume em oitavo — Arte Poetica por Francisco Joseph Freire dois volumes em oitavo — Arte Poet. de Candido Lusitano um volume em oitavo — La Gerusalemme Liberata dois volumes em oitavo — Œuvres de Racine tres volumes em oitavo — La Secchia Rapita um volume em oitavo — Obras do Doutor Francisco de Sá de Miranda dois volumes em oitavo — La Mort de Abel Poème de Gessner um volume em oitavo — La Réligion Poème par M. Racine um volume em oitavo — Horatii Flaccii Carmina um volume em oitavo — Les Œeuvres de Corneille tres volumes em oitavo — Petrone Latin et François dois volumes em oitavo — Poesie del Signor Metastasio dez volumes em oitavo — Terentii Opera um volume em doze — Ovidius Heroidum um volume em doze — Joseph Poème par M. Bitaubé um volume em doze — Ovidius Tristium um volume em doze — Catullus um volume em doze — Les Aventures de Télémaque um volume em oitavo — Œeuvres de M. Voltaire um volume em oitavo — Cathecismo de Montpellier cinco volumes em oitavo — Nouvelle Histoire Poétique um volume em oitavo — Le Droit Publique de l'Europe par M. Mably tres volumes em oitavo — Palestra Oratoria dois volumes em oitavo — Vinnius De Jure Civili um volume em oitavo — Clementinæ Constitutiones um volume em quatro — Historia de Luigi decimo quarto quatro volumes em quarto — Zuessius Ad Institutiones um volume em quarto — Decretium de Gratiani dois volumes

em quarto — Decretales Gregorii Noni um volume em quarto — Brunemani De Jure ecclesiastico um volume em quarto — Corvini Tractatus um volume em oitavo — Martini Becani Manuale Controversiarum um volume em oitavo — Um Diccionario Allemão Francez, e Latino — Aulissi in Quatuor Institutionum Libros Commentaria um volume em oitavo — Thesaurus linguæ Latinæ, digo Sacrorum rituum um volume in-quarto — De Ecclesiarum Reconciliatione um volume em folio — Pratica del Confissionario um volume em folio — Jus Ecclesiasticum auctore Francisco Schmalgrueber tres volumes em folio — Farinacii Opera dois volumes em folio — Nogueira Questiones Singularis um volume em folio — Perfeito Confessor dois volumes em folio — Theatro Critico Universal um volume em quarto — Aranhæ Disputationes Methaphisicæ um volume em quarto — Compendium Philosophicum Theologicum auctore Emanuele Ignacio Coutinho um volume em quarto — Princeps Christianus auctore Joane Orano um volume em oitavo — Confrontação da doutrina da Igreja com a Doutrina dos Jesuitas um volume em oitavo — Le Nouvelliste du Parnasse dois volumes em oitavo — De ratione discendi, et docendi auctore Joseph Juvencio um volume em oitavo — Histoire Générale du Portugal par Delaclède tres volumes em oitavo — Institutionum Canonicarum um volume em oitavo — Gravesand Opera dois volumes em quarto / truncado / — um oculo de ver ao longe — Contes Moraux par Marmontel dois volumes em oitavo / truncados / — Oito livros de diversas obras truncadas de oitavo — Sete facas e nove garfos de ferro com cabo de osso — O panno verde, que está sobre a mesa — uma thesoura pequena de ferro — duas sobrepelizes de mangas com renda — mappa com molduras de jacarandá — Duas bestas muares, uma castanha escura e outra clara, cujos bens fez o Alcaide Manoel da Costa Villaça entrega por mandato delle Ministro ao Tenente Manoel Barbosa de Carvalho que os recebeu, e delles ficou entregue como fiel depositário de juizo, e foi notificado para que dos mesmos bens não dispuzesse sem especial ordem de justiça pena da lei a que assim se sujeitou, e para constar faço este instrumento em que assigna elle Alcaide, e depositario commigo José Luiz França Lyra Escrivão das Execuções Civeis que o escrevi, e assignei — José Luiz França Lyra — Manoel Barbosa de Carvalho — Manoel da Costa Veloso. E não se continha mais cousa alguma em o dito Auto de Sequestro que eu dito Escrivão bem e fielmente o fiz trasladar o presente do proprio que fica em meu poder ao que me reporto, e vae sem cousa que duvida faça em fé do que o subscrevi, conferi, e assignei nesta dita Leal Cidade aos nove dias do mez de Julho de mil setecentos e oitenta e nove annos, e eu José Luiz França Lyra Escrivão das Execuções civeis que o subscrevi e assignei.

José Luiz França Lira

Certifico que no acto do presente Sequestro feito ao Sequestrado Reverendo Conego Luiz Vieira da Silva só se lhe acharam os bens conteudos no mencionado Sequestro em fé do que passo a presente. Marianna a 9 de Julho de 1789.

José Luiz França Lira